

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO EM BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GABRIEL MOUTINHO FERNANDES DA SILVA

Ciência e a Ciência Paralela:
Uma disputa do campo científico

São Carlos - SP
2025

GABRIEL MOUTINHO FERNANDES DA SILVA

Ciência e a Ciência Paralela:

Uma disputa do campo científico

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação
em Ciências Sociais do Centro de Ciências
Humanas da Universidade Federal de São Carlos
como requisito para a obtenção do Título de
Bacharel em Ciências Sociais
Orientador: Prof. Dr. Thales Haddad Novaes de
Andrade

São Carlos - SP

2025

Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação geralmente é elaborada pela biblioteca da
Instituição de Ensino.

GABRIEL MOUTINHO FERNANDES DA SILVA

Ciência e a Ciência Paralela:

Uma disputa do campo científico

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

São Carlos, xx de xxxx de xxxx.

Prof. xxx, Dr.

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a xxxx, Dra.

Orientadora

Universidade xxxx

Prof.^a xxxx, Dra.

Coorientadora

Universidade xxxx

Prof. xxxx, Dr.

Universidade xxxxx

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao meu irmão Theo Moutinho Faraguti.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a muitas pessoas por esse trabalho, por esse momento especial da minha vida, em que pude compartilhar tantas alegrias e tristezas que mostraram como é crescer. Gostaria de agradecer ao meu orientador Thales Haddad Novaes de Andrade, que com muito carinho e atenção me orientou em cada dúvida e lacuna desta monografia e confiou em meu potencial em todo o tempo.

Gostaria de agradecer à professora Dra. Vera Alves Cepêda, que sempre teve todo o tempo do mundo para minhas perguntas sobre pensamento político brasileiro; E também a professora Dra. Maria do Socorro Sousa Braga por todo o apoio e ternura comigo nesse tempo de graduação. Agradeço também a todos e a meus professores que me ajudaram a chegar até aqui e me proporcionaram conhecimento que nunca me achei capaz de transmitir.

Agradeço aos meus amigos de graduação e principalmente de universidade que estiveram sempre comigo em minha trajetória, principalmente a Tatiana Nicéas e ao Renê Godoy, pela amizade que levarei para sempre

Agradeço também a minha família, minha mãe, Juliana Moutinho Faraguti; minha avó Maria Elisa Minano e ao meu avô João Luís Moutinho por sempre me apoiarem e me darem forças para alcançar meus sonhos e objetivos. Espero poder proporcionar o mesmo orgulho que me transmitiram todos esses anos. Junto de minha família, gostaria de agradecer ao meu companheiro de vida, Pedro Henrique Machado Guiesi, que em todos os momentos me deu forças e acreditou em minha capacidade, estando sempre está ao meu lado, e me apoiando em meus sonhos.

Agradeço aos Pró-Reitores da Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (ProACE) Djalma Ribeiro Junior e a Gisele Aparecida Zutin Castelani, que com seu trabalho e amizade me proporcionaram saberes e experiências que me moldaram como indivíduo e toda minha forma de pensar.

Agradeço a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por me proporcionar ensinamentos que levarei comigo para toda a vida, e sempre levarei comigo o orgulho de ser parte de uma Universidade Pública Brasileira.

Agradeço imensamente a todas e todos, pois jamais chegaria até aqui sem nenhuma das pessoas que compartilharam a vida nesses últimos anos comigo, daqueles que estão e não estão neste agradecimento, meu mais profundo obrigado e agradecimento por tudo que me ensinaram e por sempre me mostrarem que a vida universitária e cotidiana se faz de forma coletiva.

EPÍGRAFE

“[...] um lugar único, portanto, a ser defendido, como aposta mais segura da sociedade no conhecimento, no combate a preconceitos, na produção de ciência e arte, na formação de recursos humanos: a universidade pública” (SALLES, J. C, 2020).

RESUMO

O trabalho de monografia em questão visa apresentar um estudo de caso acerca da recente produção feita pela produtora Brasil Paralelo, intitulada Unitopia, que produz uma crítica à Ciência e a própria produção do conhecimento científico. Para isso, analisamos os dois episódios do documentário e um material e-book, com o objetivo de analisar alguns aspectos da narrativa produzida, sendo eles, a disputa do capital simbólico em que o documentário analisa as universidades, pois os integrantes fazem parte do campo científico. Em nossos objetivos visamos responder nossas perguntas de pesquisa: (1) Por que se posicionam na Academia, mesmo enquanto a rejeitam? e (2) qual o interesse em se valer da banalização como ferramenta de posicionamento? Visando destacar nossa hipótese de que a Brasil Paralelo, como um grupo, busca com suas produções, neste trabalho focando nossa atenção ao UNITOPIA, um espaço de posicionamento dentro da acadêmica, buscando para isso grupos com menos força e que para serem vistos, banalizam os conhecimentos daqueles que julgam seus adversários. Para isso, utilizamos como material metodológico os escritos e análises de Pierre Bourdieu acerca do *Campo científico*, possibilitando entender as tomadas de posições dos membros da ciência. Destaca-se também a construção da ciência e de suas regras e estruturas com a noção de *ethos científico* de Robert K. Merton; E a análise do *programa Forte em Sociologia do Conhecimento*, por David Bloor. Bem como o destaque para as teorias conservadoras de James Durham e Mark R. Levin, que mesmo ao escreverem em tempos diferentes, possuem uma visão similar a da narrativa exposta em Unitopia.

Palavras-chave: Ciência. Campo Científico. Brasil Paralelo. Disputas pelo Campo

ABSTRACT

The monograph in question aims to present a case study about the recent production made by the production company Brasil Paralelo, entitled Unitopia, which produces a critique of Science and the production of scientific knowledge itself. To this end, we analyzed the two episodes of the documentary and an e-book material, with the objective of analyzing some aspects of the narrative produced, namely, the dispute of symbolic capital in which the documentary analyzes universities, since the members are part of the scientific field. In our objectives, we aim to answer our research questions: (1) Why position oneself in the Academy, even while rejecting it? and (2) What is the interest in using trivialization as a positioning tool? Aiming to highlight our hypothesis that Brasil Paralelo, as a group, seeks with its productions, in this work focusing our attention on UNITOPIA, a space for positioning within the academic world, seeking for this purpose groups with less power and that, in order to be seen, trivialize the knowledge of those who judge their adversaries. To this end, we used Pierre Bourdieu's writings and analyses on the scientific field as methodological material, enabling us to understand the positions taken by members of science. We also highlight the construction of science and its rules and structures with Robert K. Merton's notion of scientific ethos; and the analysis of the Strong program in Sociology of Knowledge, by David Bloor. We also highlight the conservative theories of James Durham and Mark R. Levin, who, even though they wrote at different times, have a vision similar to that of the narrative presented in Unitopia.

Keywords: Science. Scientific Field. Parallel Brazil. Disputes over the Field

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--|
| BP | Brasil Paralelo |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas |
| UFScar | Universidade Federal de São Carlos |
| UFPEL | Universidade Federal de Pelotas |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| MEC | Ministério da Educação |
| SiSu | Sistema de Seleção Unificada |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 METODOLOGIA E OBJETIVOS: | 15 |
| 2.1 Objetivos Gerais | 16 |
| 2.2 Objetivos Específicos | 16 |
| 3 DESENVOLVIMENTO | 17 |
| 3.1 Sociologia do Conhecimento: de Robert K. Merton á Pierre Bourdieu | 17 |
| 3.1.1 Robert Merton: Ethos da Ciência | 17 |
| 3.1.2 David Bloor: Programa Forte da Sociologia do Conhecimento: | 22 |
| 3.1.3 Pierre Bourdieu: Campo Científico | 24 |
| 3.2 Pensamento reacionário/ conservador: Durham e Levin | 28 |
| 3.4 Brasil Paralelo: | 31 |
| 3.5 Documentário Unitopia: | 35 |
| 3.5.1 Episódio 1: Ciência como Lavagem de Ideias | 36 |
| 3.5.2 Episódio 2: Universidade como produtora de crenças de luxo: | 44 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES | 52 |
| 5 CONCLUSÃO | 59 |
| 6 REFERÊNCIAS | 60 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão em Bacharelado em Ciências Sociais, visa se somar aos trabalhos que dialogam com o papel da ciência e as narrativas construídas para disputar o campo científico e a produção do conhecimento. Bem como discutir as disputas simbólicas dentro do campo científico brasileiro atual. Pois destacamos a tentativa, a partir da recente produção audiovisual da Brasil Paralelo, que ao utilizar pessoas de dentro da academia, utiliza-se do espaço desses indivíduos, no campo, para difundir suas ideias, produzindo assim uma tentativa de organização de agentes. Como veremos, será constante a tentativa de, a partir do capital simbólico, tratar os atuais e mais prestigiados cientistas brasileiros, e todo o atual sistema universitário, como corruptos. E ao mesmo tempo, construir a própria linha de pensamento como a correta.

Sendo assim, nosso trabalho busca destacar e analisar o documentário produzido pela produtora audiovisual Brasil Paralelo, chamado de Unitopia.

“Unitopia enfatiza como a teoria gramsciana é ensinada dentro das universidades e o modo como os professores buscam legitimar tal teoria para formar, em vez de alunos, intelectuais orgânicos a serviço dos “identitários”, dos “esquerdistas” e dos “marxistas culturais”. (Le Monde;2024) ¹

Ao focarmos nossa análise acerca da recente produção da Brasil Paralelo, empresa fundada em 2016, em Porto Alegre. Destacamos também o fato produtora ser uma das plataformas mais conhecidas no Brasil e por somar figuras e opiniões bastante chamativas

“Em entrevista ao “Boletim da Liberdade”, Filipe Valerim, “rosto” da empresa, constrói a narrativa fundante da Brasil Paralelo. Segundo ele, a produtora, criada em Porto Alegre seria resultado dos esforços de um grupo de jovens comuns que, na conjuntura da reeleição de Dilma Rousseff, toma emprestado duas câmeras, algum dinheiro a juros e uma sala de seis metros quadrados para produzir conteúdo de defesa de um novo modo de fazer política e de uma nova forma de contar a história do Brasil. Dois anos e, imagina-se, muito trabalho depois, surgia a produtora, que desde então, de acordo com Valerim, viabiliza-se com a venda de cadastro de membros e acesso exclusivo a seus produtos educativos. Um olhar mais de perto mostra que as coisas não são bem assim. Em 2016, no ano de seu lançamento, o site da produtora anuncia a venda de 68 palestras por 360 reais à vista ou 12 x de 36,147. Dentre os luminares da República que deveriam literalmente fazer o público pagar para ver, estão os Ministros da Educação, Mendonça Filho, e do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes; o clã Bolsonaro; além de, é claro, Olavo de Carvalho.

¹disponível

em:

<https://diplomatie.org.br/a-brasil-paralelo-lanca-um-novo-produto-contra-a-universidade-publica-brasileira/>

Deixando de lado juízo de valores sobre o gosto peculiar da audiência, há de se reconhecer a capacidade de alcançar figuras relativamente importantes, como deputados, senadores e três ministros – personalidades pouco acessíveis a pessoas comuns” (MARTINS DORIA PAULO, Diego; 2020, Pg 03)

Objetivamos analisar qual o interesse em produzir uma crítica que venha de dentro das universidades, dessa forma, nosso problema de pesquisa se evidencia ao buscarmos analisar as narrativas e as ideias que estão na base dos argumentos utilizados pelos participantes. Indivíduos que fazem parte da estrutura universitária, ou seja, alunos, ex-alunos e docentes, que apoiam a produção audiovisual, ao ponto de colaborarem com a mesma. Dessa forma, ao buscarmos entender por qual motivo, membros da própria *comunidade científica* demonstraram seu apoio ao colaborar com a série documental que visa a crítica às universidades e a produção do conhecimento, destacamos nossa hipótese, de que a Brasil Paralelo, como um grupo: busca com seus documentários um espaço de posicionamento dentro da acadêmica, buscando para isso grupos com menos força e que para serem vistos, banalizam os conhecimentos daqueles que julgam seus adversários. Para nos orientar a essa busca, visamos responder duas perguntas, uma com escopo mais geral: Por que se posicionar na Academia, mesmo enquanto a rejeita? e outra mais específica: Qual o interesse em se valer da banalização como ferramenta de posicionamento?

Para alcançarmos nossos objetivos, utilizamos como base metodológica, em primeiro lugar, a forma de Estudo de Caso, a partir das análises de Pierre Bourdieu e suas análises acerca do *Campo Científico* e de seus componentes. Pois a noção de *Campo* no auxiliá a entender a posição e tomadas de posição dos agentes do próprio *Campo*:

“[...] situar esses pontos de vista no espaço das tomadas de posição e relacioná-los às posições correspondentes, isto é, ao mesmo tempo destituí-los de sua pretensão “absolutista” à objetividade (ligada à ilusão da ausência do ponto de vista) e também de explicá-los, dar-lhes razão, torná-los compreensíveis, inteligíveis.” (BOURDIEU. 2004. pg 45)

Sendo assim, o trajeto escolhido para a apresentação e escrita desta monografia está da seguinte forma: No primeiro capítulo, analisamos, a partir das diferentes ideias do que compõe o mundo acadêmico nos seus diferentes momentos, trabalhamos com Robert K. Merton e sua visão internalista da ciência e suas ideias de *Comunidade Científica* e o *Ethos científico*. De forma comparativa, no mesmo capítulo, apresentaremos David Bloor com sua visão externalista da Ciência, bem como suas ideias acerca do *Programa Forte da Sociologia*

do Conhecimento. E ao final abordaremos a construção de *Campo Científico* e suas características, pensadas por Pierre Bourdieu, onde se encontra nosso foco metodológico.

No segundo capítulo destacamos os argumentos de extrema-direita de James Burnham, escritor Norte-Americano do período de Guerra fria e suas ideias acerca do que seria os “esquerdista” e a dominação da esquerda pelas instituições; Junto de Burnham, trabalharemos também, com Mark R, Levin, também Norte-Americano, mas mais próximo de nossa época e um pensador com forte apoio a Donald Trump. Suas ideias, por sua vez, aproximam-se também de uma “dominação esquerdista” via instituições e modelamento dos costumes.

No Terceiro Capítulo, apresentamos a produtora audiovisual Brasil Paralelo e sua trajetória narrativa e da própria empresa, ao se construir e principalmente como uma produtora audiovisual focada em narrativas próximas ao revisionismo histórico e científico. Bem como, logo em seguida descrevemos nosso objeto de análise, sendo o próprio documentário Unitopia, que possui dois episódios bem como um E-book, que também foram analisados. Dessa forma, a análise está dividida em duas partes.

Ao que concerne ao primeiro episódio, destacamos os principais aspectos narrativos, também discutimos a teoria proposta pelo objeto, chamada de *Lavagem de ideias*, seguido do segundo episódio, que busca focar no que é chamado de *Crenças de Luxo* e outras características que os compõem.

E por fim, o Quarto capítulo, se concentra em nossas análises acerca dos materiais analisados, concomitantemente ao do e-book. Tais análises já possuem comparações entre os achados e a base metodológica escolhida. Bem como as conclusões do trabalho.

2 METODOLOGIA E OBJETIVOS:

Ao que concerne ao métodos operacionais da nossa pesquisa, visamos trabalhar com o documentário intitulado “UNITOPIA”², lançado em Setembro de 2024 pela plataforma da produtora. Nosso trabalho se concentra como um Estudo de Caso, que visou analisar o documentário em questão, dividindo nosso trabalho em objetivos gerais e específicos. Julgamos pertinente atuar na análise desse material utilizando a ideia de campo científico de

² disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/unitopia>

Pierre Bourdieu, pois ao analisar o espaço da ciência como um ambiente de disputa, acreditamos demonstrar maior coerência na atitude dos agentes, pois ao tomarem posição, escolhem um espaço de atuação. Além disso, Bourdieu e seus métodos, nos auxiliam em entender o espaço de construção do conhecimento (e analisá-lo), como um espaço de influência e influenciável. Destacando também que há nas Universidades um incansável interesse por grupos conservadores, e atualmente, uma constante disputa pela produção do conhecimento.

Sendo assim, nossa hipótese se consagra em entender o posicionamento de cientistas para a direita, que atuam a apoiar uma subversão do campo. Sendo eles respaldados pela produtora Brasil Paralelo. Em outras palavras, buscamos levantar a hipótese de que a Brasil Paralelo, como um grupo, busca com seus documentários, fazendo parte desse bojo, o UNITOPIA, um espaço de posicionamento dentro da acadêmica, buscando para isso grupos com menos força e que para serem vistos, banalizam os conhecimentos daqueles que julgam seus adversários.

Por fim, nossa divisão se materializa da seguinte forma:

2.1 Objetivos Gerais

- Discutir as disputas simbólicas dentro do campo científico brasileiro atual.
- Analisar os 2 (dois) episódios e seus materiais complementares.

2.2 Objetivos Específicos

Em nossos objetivos específicos visamos responder nossas perguntas de pesquisa: (1) Por que se posicionar na Academia, mesmo enquanto a rejeita? e (2) qual o interesse em se valer da banalização como ferramenta de posicionamento?

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Sociologia do Conhecimento: de Robert K. Merton á Pierre Bourdieu

3.1.1 Robert Merton: Ethos da Ciência

Para construirmos o espaço científico, optamos por produzir um trajeto da Sociologia da Ciência, que marca seu início com Robert K. Merton e o que ele destaca como Ethos³ da Ciência, entretanto vale destacar que ao construir esse percurso, nossa “parada” final não será “analisar a natureza das Ciências” (Bloor; 1991), mas a natureza de suas disputas, consagradas com a noção de Campo Científico (Bourdieu; 2000).

Ao discorrer sobre as condições sociais que moldam a ciência, Merton (1942) destaca, isso muito condiz com o momento histórico em que o autor escreve, a hostilidade a qual a ciência se encontrava. Para Merton, em *Ciência e Ordem social (1942)*, tanto a ideologia, quanto a cultura e as instituições participam na formulação da ciência. Porém a competição entre Ciência e Estado, leva nosso autor a destacar a ética científica, contra as convicções políticas. Assim, Merton formula normas científicas: Teoria, comprovação e Impessoalidade seriam as principais; Essas dicotomias pensadas pelo autor destacam a “guerra” em que estaria inserida a Ciência, pois os cientistas falam de ciência, já os não-cientistas (1942) tentam controlá-la, gerando então instabilidades. A Visão Mertoniana objetiva criar estabilidade na Ciência:

“Ciência” é uma palavra enganosamente inconclusiva, que se refere a uma variedade de itens distintos, embora inter-relacionados entre si. É comumente usada para denotar: (1) um conjunto de métodos característicos por meio dos quais o conhecimento é certificado; (2) um estoque de conhecimento acumulado que se origina da aplicação desses métodos; (3) um conjunto de valores e costumes culturais que governam as atividades denominadas científicas; ou (4) qualquer combinação das três anteriores.” (MERTON; Robert K; Pg 182-183).

Dessa forma, ao destacar que a Ciência se constroi por um conjunto de características, Merton não deixa de fora as características sociais, dessa maneira, o autor destaca que ao preocupar-se “com a estrutura cultural da ciência, ou seja, com um aspecto limitado da ciência enquanto instituição.”(MERTON; Robert K; Pg 183) Merton destaca a necessidade de parâmetros contra aos não-cientistas e a defesa da estrutura científica. Esses parâmetros seriam o *ethos da ciência*:

“O éthos da ciência é esse complexo afetivamente modulado de valores e normas que se considera serem obrigatórios para o homem de ciência. As normas são expressas na forma de prescrições, proscricções, preferências e permissões. Elas são

³ Significado: conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

legitimadas em termos de valores institucionais. Esses imperativos, transmitidos por preceitos e exemplo, e reforçados por sanções, são internalizados em graus variados pelos cientistas, modelando sua consciência científica” (MERTON; Robert K; Pg 183).

Ao que concerne à Ciência Mertoniana, sua estrutura codificada por seu Ethos, serviria para a ampliação do conhecimento:

“O objetivo institucional da ciência é a ampliação do conhecimento certificado. Os métodos técnicos empregados para esse fim fornecem a definição relevante de conhecimento: predições empiricamente confirmadas e logicamente consistentes. Os imperativos institucionais (costumes) derivam do objetivo e dos métodos. Toda a estrutura de normas técnicas e morais implementa o objetivo final. A norma técnica da evidência empírica, adequada, válida e confiável é um pré-requisito para a sustentação de predições verdadeiras, a norma técnica da consistência lógica, um pré-requisito da previsão sistemática e válida. Os costumes da ciência possuem um fundamento metodológico, mas eles são seguidos não somente porque são predominantemente eficientes, mas porque se acredita que eles são corretos e bons. Eles são prescrições morais tanto quanto técnicas.” (MERTON; Robert K; Pg 185).

Sendo assim, há na visão mertoniana, quatro conjuntos que caracterizam os costumes (ethos) científicos, que seriam: Universalismo, Comunismo, Desinteresse e Ceticismo Organizado. Sendo o primeiro definido como o dever da ciência julgar a produção do conhecimento científico por critérios objetivos e não por características pessoais do cientista(s), como sua nacionalidade, por exemplo.

“O universalismo encontra expressão imediata no cânone de que as alegações de verdade, de qualquer que seja a fonte, devem ser submetidas a critérios impessoais preestabelecidos: consoante com a observação e com o conhecimento anteriormente confirmado. A aceitação ou rejeição das alegações que são consideradas científicas não deve depender de atributos pessoais ou sociais de seus protagonistas, sua raça, nacionalidade, religião, classe e qualidades pessoais são irrelevantes. A objetividade impede o particularismo. A circunstância de que formulações cientificamente verificadas referem-se a sequências e correlações objetivas atua contra todos os esforços para impor critérios particularistas de validade.[...] O imperativo do universalismo está profundamente enraizado no caráter impessoal da ciência. Entretanto, a instituição da ciência é apenas parte de uma estrutura social maior à qual nem sempre está integrada. Quando a cultura mais ampla se opõe ao universalismo, o éthos da ciência fica sujeito a sérias restrições. O etnocentrismo não é compatível com o universalismo. [...] A recusa dessa norma foi concebida como uma quebra da profissão de fé.” (MERTON; Robert K; Pg 186-188).

Já o segundo aspecto, se baseia na ideia de conhecimento científico como algo público e sempre voltado para o avanço coletivo e não individual dos cientistas. Cabe ressaltar, que a noção Mertoniana de comunismo na ciência, evidencia fortemente a ciência

como uma Comunidade ou um Coletivo. Destacamos esse aspecto ao final dos destaques acerca do autor.

“Comunismo” , no sentido não técnico e amplo de propriedade comum de bens, é o segundo elemento integrante do éthos científico. As descobertas substantivas da ciência são um produto de colaboração social dirigida para a comunidade. Elas constituem uma herança comum na qual o interesse do produtor individual é severamente limitado. Uma lei ou teoria eponímica não é propriedade exclusiva de seu descobridor e de seus herdeiros, nem os costumes lhes concedem direitos especiais de uso e disposição. Os direitos de propriedade na ciência são reduzidos ao mínimo pelo fundamento da ética científica. O direito do cientista a “sua propriedade” intelectual é limitado ao reconhecimento e estima, [...]” (MERTON; Robert K; Pg 190).

Ao que concerne a nossa terceira característica do Ethos científico, o desinteresse deve ser considerado na busca pela verdade, pois a verdade científica deve estar acima dos interesses dos indivíduos e das instituições:

“Uma paixão pelo conhecimento, pela curiosidade, uma preocupação altruísta com os benefícios para a humanidade e um conjunto de outros motivos especiais têm sido atribuídos ao cientista. A busca por motivos distintivos parece estar mal dirigida. É antes um padrão distintivo de controle institucional de uma ampla gama de motivos, o que caracteriza o comportamento dos cientistas. Pois, quando a instituição abraça a atividade desinteressada, é do interesse dos cientistas conformarem-se a ela diante do risco de sanções e, na medida em que a norma foi internalizada, sob pena de conflito psicológico. (MERTON; Robert K; Pg 194-195).

Já o quarto e último aspecto, a visão de Merton acerca do ceticismo organizado destaca que toda alegação produzida na ciência deve ser analisada, testada e avaliada por aqueles indivíduos já membros da comunidade científica, ou seja, uma forma de proteger a ciência de não-cientistas, dos dogmatismo e da aceitação sem críticas de teorias que aparecem, seria a análise por Pares.

“[...] o ceticismo organizado está inter-relacionado de vários modos com os outros elementos do éthos científico. Ele é um mandato tanto metodológico como institucional. A suspensão do julgamento até “que os fatos estejam à mão” e o escrutínio imparcial de crenças em termos de critérios empíricos e lógicos têm periodicamente envolvido a ciência em conflitos com outras instituições. A ciência— que formula questões sobre os fatos, incluindo as potencialidades, concernentes a todo aspecto da natureza e da sociedade — pode vir a entrar em conflito com outras atitudes em relação aos mesmos dados, que foram cristalizadas e frequentemente ritualizadas por outras instituições. O investigador científico não preserva a clivagem entre o sagrado e o profano, entre o que requer respeito sem crítica e o que pode ser analisado objetivamente.” (MERTON; Robert K; Pg 197).

Após evidenciar os principais apontamentos aferidos por Robert K. Merton, julgamos importante ressaltar dois aspectos que foram apenas comentados acima, mas que para esta tese tem enorme relevância, o primeiro seria a noção de (I) Comunidade Científica, já a segunda seria a importância da (II) Análise pelos Pares presente na visão mertoniana, bem destacadamente no que se refere ao Ceticismo Organizado e o Comunismo.

Ao iniciar o primeiro aspecto, a ideia de comunidade científica para Merton, aparece ao destacar a ênfase no caráter institucional da Ciência, surge para ele o que seria uma “Cooperação Competitiva”, mas além disso, torna-se também uma forma de recompensar o pesquisador por seu achado, como por exemplo, a estima:

“Diante dessa ênfase institucional no reconhecimento e estima como o único direito de propriedade do cientista sobre suas descobertas, a preocupação com a prioridade científica torna-se uma resposta “normal”. Essas controvérsias sobre prioridade que pontuam a história da ciência moderna são geradas pela importância institucional conferida à originalidade. Surge uma cooperação competitiva. Os produtos da competição são disponibilizados para a comunidade, e a estima cresce para o produtor.” (MERTON; Robert K; Pg 191).

As formas de destacar o papel da construção da ciência, mas também pelo foco em proteger os cientistas, ao demonstrar uma “cooperação competitiva”, destaca também a estrutura que é construída em volta dos cientistas em que seu *ethos* acaba por se desenvolver criando, por sua vez, uma herança cultural, em que se compartilha a noção comunal. “O caráter comunal da ciência reflete-se no reconhecimento dos cientistas de sua dependência de uma herança cultural em relação à qual não há direitos diferenciais.” (MERTON; Robert K; Pg 193).

Junto a essa concepção de “comunidade Científica” (MERTON; Robert K; Pg 192), a necessidade de verificação, ou análise dos pares também possui espaço importante neste diálogo, pois “Um cientista que não comunica suas importantes descobertas à fraternidade científica[...] torna-se alvo de respostas ambivalentes.” (MERTON; Robert K; Pg 192) Ou seja, a ciência e sua comunidade dependem de uma função importante: A Comunicação plena e franca. Porém um passo anterior ao da comunicação, seria o da análise pelos pares, que nos propõe um breve retorno a noção de desinteresse.

“Por implicação, os cientistas são recrutados entre aqueles que exibem um grau excepcional de integridade moral. Não há, em verdade, evidência satisfatória de que esse seja o caso, uma explicação mais plausível pode ser encontrada em certas características distintivas da própria ciência. Como ela envolve a verificabilidade

dos resultados, a pesquisa científica está sob o escrutínio dos pares especialistas.[...] as atividades dos cientistas estão sujeitas a um controle rigoroso, em um nível talvez sem paralelo em nenhum outro campo de atividade. A demanda por desinteresse tem uma base firme no caráter público e testável da ciência e pode-se supor que essa circunstância tem contribuído para a integridade dos homens de ciência. Há competição no reino da ciência, competição que é intensificada pela ênfase na prioridade como critério de realização, e, sob condições competitivas, pode-se muito bem gerar incentivos para eclipsar o trabalho dos rivais por meios ilícitos. Mas tais impulsos encontram escassa oportunidade de expressão no campo da pesquisa científica.”(MERTON; Robert K; Pg 195).

A análise pelos pares, demonstra não apenas um caráter desinteressado e comunal da ciência, mas também demonstra a forma como a ciência se organiza, através do reconhecimento e da estima para com o pesquisador, mas como o autor destaca, ao passar pelo escrutínio de seus pares, a verificabilidade da ciência se materializa, mas também seu reconhecimento como um saber científico. Havendo um reconhecimento do que a visão mertoniana evidenciaria como uma herança histórica da produção do conhecimento. Ocorre também, não tendo outra alternativa, a não ser acreditar no desinteresse do pesquisador e apenas no interesse na busca pela verdade na ciência. Assim sendo, Merton destaca que além de haver competição na ciência, ocorre também a possibilidade de que rivais anulem os trabalhos um do outro, por mais que tais atitudes não teriam oportunidade de se concretizar, o *ethos da ciência* atua de forma a inibir tais comportamentos.

A visão de Robert K. Merton é extremamente importante ao ressaltar a ciência não apenas como uma estrutura, mas como uma comunidade que possui seu *ethos*. Porém sua visão estrutural-funcionalista acaba por ser inocente ao encontrar na comunidade científica aquilo que ele mesmo chamaria de “profissão de fé”. Entretanto, julgamos importante, em nosso percurso introdutório reconhecer, que ao discorrer sobre a construção da Ciência; Que a visão proposta por Merton nos auxilia a buscar a entender como a Ciência e seus participantes se constroem e organizam seu *ethos científico*. Nosso próximo passo será, em dialogar com um crítico de Robert K. Merton. O sociólogo Norte-Americano, David Bloor, e seu Programa Forte da Sociologia.

3.1.2 David Bloor: Programa Forte da Sociologia do Conhecimento:

Em sua obra "*Conhecimento e Imaginário Social*" (1991), David Bloor, destaca em seu primeiro capítulo sobre o Programa Forte da Sociologia do Conhecimento, em que destaca que as formulações do conhecimento não seriam formadas apenas por evidências ou

saberes objetivos, como a sociologia tradicional do conhecimento julgava, mas também por formulações vindas externamente, como fatores sociais. Na visão de Bloor, fatores sociais seriam de extrema importância na construção e aceitação dos conhecimentos produzidos. Devendo ser analisada todas as produções de conhecimento, verdadeiras ou não:

“[...] para o sociólogo o conhecimento é tudo aquilo que as pessoas consideram conhecimento. Ele consiste naquelas crenças que as pessoas sustentam com confiança e com as quais levam a vida. O sociólogo estará interessado em particular pelas crenças que são assumidas como certas, institucionalizadas ou, ainda, investidas de autoridade por grupos de pessoas. O conhecimento, é claro, deve ser distinguido da mera crença - algo que pode ser feito ao se reservar a palavra “conhecimento” para aquilo que é endossado coletivamente, deixando valer como mera crença o idiossincrático e o individual. [...]” (BLOOR, D; 1991; Pg 18).

Dessa forma, David Bloor inicia uma estruturação dos possíveis passos a serem seguidos, para que a sociologia fosse capaz de estudar a própria produção do conhecimento, devendo obedecer alguns aspectos principais, valendo ressaltar que o autor em questão busca levar a sociologia a tornar-se uma ciência tão “pura” quanto as ciências naturais. Dessa forma nosso autor destaca que a:

“[...] sociologia do conhecimento deveria aderir aos quatro princípios seguintes. Ao proceder dessa forma, ela irá incorporar os mesmos valores assegurados em outras disciplinas científicas. São eles:

1. Ela deverá ser causa, ou seja, interessada nas condições que ocasionam as crenças ou os estados de conhecimento. Naturalmente, haverá outros tipos de causas além das sociais que contribuirão na produção da crença.
2. Ela deverá ser imparcial com respeito à verdade e à falsidade, racionalidade e irracionalidade, sucesso ou fracasso. Ambos os lados dessas dicotomias irão requerer explicação.
3. Ela deverá ser simétrica em seu estilo de explicação. Os mesmos tipos de causa devem explicar, digamos, crenças verdadeiras e falsas.
4. Ela deverá ser reflexiva. Seus padrões de explicação terão que ser aplicáveis, a princípio, à própria sociologia. Assim como a condição de simetria, essa é uma resposta à necessidade da busca por explicações gerais. E uma óbvia condição de princípio, pois, de outro modo, a Sociologia seria uma constante refutação de suas próprias teorias.” (BLOOR, D; 1991; Pg 21).

Os quatro princípios destacados: “da causalidade, da imparcialidade, da simetria e da reflexividade, definem o que será chamado de programa forte na sociologia do conhecimento.” (BLOOR, D; 1991; Pg 21). Esses princípios iniciam um processo reflexivo sobre a análise da produção do conhecimento, que para nós é de suma importância.

Quanto a (1) Causalidade: ou seja, na análise minuciosa que tem como objetivo identificar as condições culturais e sociais que orientam os indivíduos acreditarem no que acreditam. Dessa forma, entende-se que o conhecimento é produto de interações entre indivíduos e grupos de contextos específicos; Já a (2) Imparcialidade: é defendida aqui como a análise imparcial do conhecimento, devendo ser investigado todas as ideias envolvidas na produção do conhecimento, independentemente do valor de verdade ou não da perspectiva do pesquisador. Requer então uma análise rigorosa e objetiva dos processos sociais que constituíram a produção do conhecimento analisado. Além de conter (3) Simetria: que pontua a conduta do pesquisador em tratar igualmente os conhecimentos sejam eles verdade ou mentira; E por fim, a (4) Reflexividade: ou seja, o Programa Forte deve ser voltado a si mesmo, isto é, ao se analisar a produção do conhecimento utilizando o Programa Forte, deve levar em consideração as influências sociais que a originaram.

Como é possível ser observado, Bloor analisa o conhecimento sobre a visão de se analisar o conteúdo da ciência, ou seja, daquilo que se constroi junto das experiências sociais. Sendo aqui, marcante a diferença entre Robert Merton e David Bloor; já que o primeiro analisa os atores (os cientistas) e a sua comunidade, o segundo foca no conteúdo do conhecimento. Por fim, nosso próximo e último percurso será passar por Pierre Bourdieu e seu entendimento sobre Campo científico, que ao unir, ao mesmo tempo em que os critica.

Enquanto Merton analisou o Ethos da ciência e ela própria como uma instituição social, e Bloor com seu Programa Forte se propôs a analisar a forma como o conhecimento é produzido, ao ser interpelado por fatores sociais como a História e a Cultura. Nosso último autor destaca as disputas internas que são geradas dentro deste espaço da ciência que somadas aos autores anteriores nos permite analisar o espaço científico como um espaço diverso, e de constante reformulação.

3.1.3 Pierre Bourdieu: Campo Científico

Conforme chegamos ao último movimento de nosso desenvolvimento, depois de objetivar construir o espaço científico, visamos demonstrar por fim, como esse espaço que possui além de um *ethos*, como demonstrado por Robert K. Merton. Possui também princípios próprios, que ao serem influenciados por questões sociais, caracterizam uma produção do conhecimento específica gerada nesse espaço, como vimos em David Bloor. Essas visões

esboçadas rapidamente acima representam duas visões sobre a construção da ciência, que nosso terceiro autor visa mostrar uma possível alternativa.

A visão caracterizada pela noção Mertoniana de ciência, seria uma noção *internalista* da ciência, ou seja, a ciência não receberia influências ou intervenções sociais (ou a mesma não seria vista com bons olhos). Essa perspectiva fica evidente em Merton, quando o mesmo faz uma separação clara entre o cientista e o não-cientista, sendo o primeiro detentor de um *ethos científico*, enquanto o outro não o teria, mas buscaria apenas o controle.

“Grosso modo, há, de um lado, os que sustentam que, para compreender a literatura ou a filosofia, basta ler os textos.[...]descreve o processo de perpetuação da ciência como uma espécie de partenogênese, a ciência engendrando-se a si própria, fora de qualquer intervenção do mundo social.”(BOURDIEU. 2004. Pg. 19-20).

Bourdieu descreve isso como uma “Ciência Pura”, em antagonismo a essa visão, temos o que ele descreve como uma “Ciência Escrava” ou também chamada de “externalista” (BOURDIEU. 2004. pg 19) que seria uma ciência que absorve e é influenciada pelas questões sociais e econômicas, que torna bem evidente essa perspectiva em David Bloor e seu Programa Forte.

Dessa forma, Pierre Bourdieu objetiva escapar dessa dicotomia, destacando também o que ele chama de “erro de curto-circuito”⁴:

“É para escapar a essa alternativa que elaborei a noção de campo. É uma ideia extremamente simples, cuja função negativa é bastante evidente. Digo que para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre texto e contexto. O que chamo de “erro do curto-circuito”[...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois polos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo o de *campo literário, artístico, jurídico e científico*, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece às leis sociais mais ou menos específicas.” (BOURDIEU. 2004. pg 20).

Ou seja, para escapar da dicotomia externalistas/internalista, Bourdieu cria a ideia de *campo*, que seria o espaço das relações sociais que possuiriam suas próprias formas de socialização. Importante destacar que a ideia de Campo, tem sua diferença da Teoria dos

⁴ A noção de curto-circuito é trabalhada muito rapidamente, mas consiste na confusão sobre a relação entre o impacto ou não, das relações sociais na incorporação da ciência. Para mais informações, conferir a obra do autor, *Os usos sociais da ciência*, página 20.

Jogos, pois na teoria dos jogos, os sujeitos se valem de regras já feitas e praticadas. Já a ideia de Campo demonstra possibilidade dos sujeitos alterarem o espaço dependendo dos interesses. De forma mais clara, O campo seria um espaço de socialização do que ele chama de *Habitus*, que possui um Poder Simbólico que o concede certo grau de autonomia; Dessa forma, o Campo também restringe as ações dos indivíduos, ao mesmo tempo que os fornece Capital. Tais palavras como *Habitus*, Poder simbólico, Capital científico são importantes para entendermos o Campo.

Segundo Bourdieu (2004) “a noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas”. (BOURDIEU. 2004. pg 20).

Sendo assim, nosso autor destaca que a ideia de Campo está entre as duas visões esboçadas anteriormente. Sendo então um espaço que possui determinadas autonomias, mas não significa que não recebem influências do mundo global, mas sim estariam em uma relação de forças. A estrutura científica, ou seja, não somente as instituições, mas também, a posição que os indivíduos ocupam nesse espaço é determinado pela distribuição de capital científico em determinado momento:

“Essa estrutura é, grosso modo, determinado pela distribuição do capital científico num dado momento. Em outras palavras, os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço.[...] os pesquisadores ou pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes, isto é, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre quais ele vão concentrar seus esforços e, se assim posso dizer, “compensar”, determinando uma concentração de esforços de pesquisa”(BOURDIEU. 2004. Pg 24-25).

Sendo o capital científico um tipo de capital simbólico “(o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico”(BOURDIEU. Pg 26). Já a própria ideia do *Habitus* pode ser entendida como uma capacidade de uma estrutura social ser absorvida/ determinada pelos agentes por meio de suas disposições no Campo, em outras palavras, seria as regras inculcadas nos agentes, que os mesmos levariam consigo.

Sendo assim, passaremos agora a destacar os dois tipos possíveis de capital, o Puro e o Institucionalizado:

“[...] o capital científico “puro” adquire-se, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas [...] o capital institucionalizado, se adquire essencialmente, por estratégias políticas (específicas) que têm em comum o fato de todas exigirem tempo[...]” (BOURDIEU, 2004. Pg 36)

Ou seja, o primeiro é destacado por ser um capital que se relaciona com a produção científica, por exemplo, as publicações em revistas de alto prestígio; Já o segundo seria mais vinculado às chefias de departamento ou de laboratório. Dessa forma, é evidente que os agentes do campo competem entre si para ter maior capital dentro do campo. Competição essa que nos faz retornar algumas ideias anteriores, como por exemplo a noção de desinteresse, ou seja, a imparcialidade durante a análise das teorias dos pares-concorrentes; Para Bourdieu, ocorre um interesse pelo desinteresse, sendo pensado como um importante princípio científico pois produziria um espaço de regulação da ciência, não por uma possível bondade dos agentes, por pela relação de competição dos agentes. Ou seja, quanto maior o capital acumulado, maior é a influência do agente no campo ou subcampo. Mas o *Habitus* produz reflexo até mesmo no agente de maior destaque dentro do campo, sendo assim, mesmo com um maior grau de influência, esse agente ainda respeitaria as regras impostas por seus antecessores, mesmo podendo alterá-las conforme a temporalidade.

Destacamos por fim, que a competição não é um problema, ela é tão parte das estruturas quanto os agentes, entretanto. Como Bourdieu também alerta, acerca da relação entre Campo e o ponto de vista:

“Uma das virtudes da teoria do campo é que ela permite romper com o conhecimento primeiro, necessariamente parcial e arbitrário -cada um vê o campo com uma certa lucidez, mas a partir de um ponto de vista dentro do campo, que ele próprio não vê-, e romper com as teorias semieruditas que só contêm, em estado explícito, um dos pontos de vista sobre o campo. [...] lucidez interessada que inspira rivalidade ou hostilidade[...] do ponto de vista de seu concorrente, de serem cegos acerca de si próprios e sobretudo acerca do ponto de vista a partir do qual apreenderam seu concorrente, isto é, sobre o fato de que, inscritos no mesmo campo, ocupavam posições antagônicas, princípios de sua lucidez e de sua cegueira.” (BOURDIEU. 2004. pg 43-44).

Tal característica demonstra certa importância, pois demonstra que a competitividade dentro de um campo também ocorre com certa hostilidade. Aqui se enquadra nossa questão teórica, pois ao entender o campo científico como um espaço de disputa em que também ocorrem disputas mais ou menos hostis. Visamos analisar a recente produção, em formato de documentário, da produtora audiovisual Brasil Paralelo, intitulado Unitopia.

Nosso interesse em analisar, via estudo de caso e nos valendo da noção de Campo Científico pelas especificidades da metodologia que foram levantadas até aqui; A disputa de ponto de vista direcionada pela produtora que mesmo não sendo parte do campo científico, leva os agentes do campo científico, como Discentes (de graduação e pós-graduação), Técnicos administrativos (T.As) e Docentes a participarem do documentário e demonstrarem, pelo seu ponto de vista, como a universidade estaria dominada pela esquerda, ou seja, aqueles que possuiriam uma “cegueira” perante o que os cerca. O que nos faz retornar a hipótese apresentada anteriormente: De que a Brasil Paralelo, como um grupo: busca com seus documentários um espaço de posicionamento dentro da acadêmica, buscando para isso grupos com menos força e que para serem vistos, banalizam os conhecimentos daqueles que julgam seus adversários. Julgamos importante tal estudo, pois como ressalta Bourdieu:

“[...] situar esses pontos de vista no espaço das tomadas de posição e relacioná-los às posições correspondentes, isto é, ao mesmo tempo destituí-los de sua pretensão “absolutista” à objetividade (ligada à ilusão da ausência do ponto de vista) e também de explicá-los, dar-lhes razão, torná-los compreensíveis, inteligíveis.” (BOURDIEU. 2004. pg 45).

Ou seja, mesmo ao constituir os sujeitos de pontos de vista diferentes como “cegos”, o objetivo final desses sujeitos, ainda sim é disputar espaço e ganhar prestígio e reconhecimento de seus pares. Mas também ao analisar as tomadas de posição dos agentes do campo no documentário a ser abordado, a análise das:

“[...] diferentes posições e tomadas de posições por uma visão polêmica, parcial e arbitrária dos próprios agentes que, como tal, é falsa, mesmo quando o que revela, desvela ou denúncia contém uma parte de verdade. Por isso, ela constitui uma contribuição possível para a compreensão mútua dos ocupantes de diferentes posições no campo e, ao mesmo tempo, para a integração dessa instituição que, de modo algum, implica a supressão das diferenças de pontos de vista”(BOURDIEU. 2004. pg 45)

Posições essas que veêm, ao longo dos últimos anos, se somando às ações conservadoras. Por consequência, as tomadas de posição de alguns agentes do campo científico tem se somado a uma perspectiva de uma “disputa cultural” entre agentes conservadores e progressistas, muito presente na sociedade brasileira nos últimos anos. Tal polarização política, ao estar presente no campo científico, se materializa no documentário “Unitopia” da produtora audiovisual Brasil Paralelo (BP). Em que agentes\ membros do campo científico tornam-se narradores e críticos de uma “dominação da esquerda” nas universidades e cientistas no Brasil. Tal narrativa tem se tornado própria de grupos conservadores. Sendo assim, utilizaremos das noção de campo científico, que como mostramos, é uma interessante metodologia de análise das disputas entre agentes de um mesmo campo. Nas sessões à frente, destacamos a produtora audiovisual Brasil Paralelo, e somada ao destaque da produtora, evidenciaremos o debate epistemológico que os narradores tomam para si.

Ressaltamos que ao se apropriarem de discursos conservadores e neodireitistas, os agentes tentam usar dessa retórica para se construírem como “outsiders” no campo, em busca de reconhecimento e ascensão de seu capital. Assim sendo, visamos destacar as teorias conservadoras de caráter conspiratório, muito presente em nosso objeto de análise, e presentes também em autores como James Burnham (2020) e Mark R. Levin (2021), que serão expostos nesta introdução, mas mais trabalhos em nosso desenvolvimento.

3.2 Pensamento reacionário/ conservador: Durham e Levin

James Durham, foi um ator norte-americano, professor de filosofia da Universidade de Nova York em 1929. Mas foi também um forte ativista do movimento Trotskista no período da Guerra Fria, mas que como muitos outros se decepcionou com o comunismo russo e seu regime autoritário. Burnham considerava a URSS um regime totalitário e despótico (SOUZA; FINGUERUT; 2024) e acabou tornando-se um anticomunista. Em sua obra “O Suicídio do Ocidente: Um ensaio sobre o significado e destino do esquerdismo”, publicado em 1964, e resgatado pela editora Vide Editorial⁵. Destaca-se que o autor refere constantemente ao “encolhimento do ocidente” (Burnham; 2020, p.38) que para ele seria o encolhimento de valores ocidentais que viria internamente:

⁵ Disponível em: <https://videeditorial.com.br/o-suicidio-do-ocidente>

“Portanto, devemos concluir que as causas primárias da contração do Ocidente (não as únicas causas, mas as causas determinantes) foram internas e não-quantitativas: abrangiam mudanças estruturais ou fatores intelectuais, morais e espirituais. [...] Por incrível que pareça, essa objeção costuma ser feita com mais entusiasmo por ocidentais que odeiam sua própria civilização, justificando ou até mesmo elogiando os golpes contra ela, e chegando, muitas vezes, a contribuir para sua queda. (BURNHAM; 2020, p. 44-45).

Nota-se pelo discurso do autor, que clama por atenção, para com aqueles que poderiam contribuir para a queda do ocidente, infringindo golpes vindos de dentro da própria sociedade. Nosso interesse com a obra e ideias de Burnham, por mais interessante que seja, não é em sua ideia sobre sociedade ocidental, mas nosso interesse se concentra no realce dado pelo autor na figura dos “esquerdistas e comunistas”. Para ele, as ideias esquerdistas e comunistas teriam características diferentes:

“[...] o comunista, identificado no bloco soviético, seria o inimigo a ser vencido, pois, seria despótico, tirânico e desejaria o fim do capitalismo e das liberdades. Por outro lado, o que ele vai definir como esquerdismo implicaria em um movimento político, que ganharia força entre os intelectuais estadunidenses da década de 60 e possuiria similaridades com os progressistas europeus. Esse movimento seria responsável pelo que o autor denomina como o suicídio do ocidente e seria facilmente identificado pelo sintoma da existência de ocidentais que odeiam sua própria civilização ao ponto de elogiarem golpes contra ela.” (SOUZA, M. A. D; FINGUERUT, Ariel; 2024; p.10).

Para ele, a doutrina esquerdista seria dominante, não na sociedade, mas no controle das instituições, ou seja, a ideologia de esquerda dominaria a sociedade pela influência das elites nas instituições.

“Em suma, o esquerdismo como um todo, variando de misturas um tanto duvidosas até sua quintessência, é hoje, e tem sido desde algum momento na década de 1930, a doutrina ou ideologia pública americana predominante. As premissas, ideias e crenças predominantes sobre política, economia e questões sociais são esquerdistas. Não estou dizendo que a grande maioria da população é esquerdista. Talvez a maioria seja esquerdista, mas isso é difícil de determinar com precisão. O certo é que a maioria, e uma maioria substancial, daqueles que controlam ou influenciam a opinião pública são esquerdistas, que algum tipo de esquerdismo prevalece entre os formadores de opinião: os professores das principais universidades, [...]” (BURNHAM; 2020, p. 51).

Essa concepção de que há uma dominação esquerdista das instituições é característica chave das conspirações levantadas atualmente pela direita brasileira contra as universidades públicas e as ciências produzidas nesse ambiente. James Burnham escreve sua obra em um contexto de intenso conflito com um inimigo interno, focando na guerra fria.

Outro autor mais recente é Mark R. Levin e sua obra “Marxismo Americano”(2021), que mesmo décadas depois de Burnham, segue seus caminhos frente às teorias conspiratórias.

Mark R. Levin acabou sendo uma influência ao trumpismo norte-americano, mesmo inicialmente sendo contrário ao reeleito presidente norte-americano. Levin se aproximou de Donald Trump em sua retórica, principalmente ao que se refere a temas polêmicos como a COVID-19 (SOUZA, M. A. D; FINGUERUT, Ariel; 2024; p.13). Sua obra desenvolve a ideia de “contrarrevolução”, revolução essa feita por ativistas marxistas, escondidos como progressistas. Entretanto, uma de suas ideias mais notável seria a de uma “elite gerencial”; similar a de Burnham, porém para Levin:

“Esse marxismo seria o motivador de movimentos como ANTIFA, Black Lives Matter, de movimentos que propõe equidade racial e de gênero, de movimentos ambientais (denominados pelo autor como fanatismo verde) e por grupos que estimulam a ideia de justiça econômica. Todos esses movimentos estariam embasados em novas teorias acadêmicas de cunho marxista como a Teoria Crítica da Raça, Teoria Crítica de Gênero, que estariam interessadas em construir dissidências no país, e por teóricos marxistas da catástrofe climática, que teriam a intenção de provocar uma regressão na capacidade produtiva [...]”(SOUZA, M. A. D; FINGUERUT, Ariel; 2024; p.16).

Não obstante, Levin constantemente retorna ao nacional-populismo, que defende “a existência de uma elite que manipula” (SOUZA, M. A. D; FINGUERUT, Ariel; 2024) a grande parte da sociedade. Levin então defende a união dos “Patriotas da América” (LEVIN, 2021, p.18) que combateriam os então marxistas. Entretanto, Souza e Finguerut destacam que essa batalha inflamada por Levin: [...] seria estimulada com ações judiciais em torno do conteúdo escolar, campanhas de boicote, desinvestimento e sanções contra empresas e universidades e o apoio às forças policiais que atuam contra movimentos de rua.”(p. 17).

Dessa forma, ao analisar ambos os autores, encontramos similaridades de seus pensamentos com os da produtora audiovisual Brasil Paralelo, e em seu documentário crítico sobre as universidades públicas brasileiras, que levados em consideração durante a análise das disputas, nos auxiliam melhor em entender as motivações e ideais do objeto analisado.

Em nosso desenvolvimento buscaremos destacar algumas características importantes para a composição do trabalho. Dessa forma, para uma análise concreta do documentário em questão, iremos destacar o papel da ideologia de ultradireita de caráter nacional-populista que mobiliza os agentes do campo, bem como os produtores do documentário em suas críticas à universidade. Para haver êxito nesse trabalho, visamos

rapidamente trabalhar com quatro divisões para esse desenvolvimento: Intitulado “contexto: ultradireita no Brasil”, a primeira divisão visa contextualizar a ultradireita no Brasil e sua ideologia; Já em um segundo momento, focaremos na própria produtora do documentário, destacado como “Brasil Paralelo”; Concomitantemente, o terceiro subcapítulo leva o nome do próprio documentário “Unitopia”, pois falaremos em evidenciar o próprio documentário; E por fim, o quarto subcapítulo objetiva demonstrar, ainda de forma introdutória, as relações entre a noção de Campo Científico e os aspectos levantados pelo documentário, chamado de “Unitopia e Campo científico”.

3.4 Brasil Paralelo:

A Brasil Paralelo, produtora audiovisual de diversos materiais como documentários, desenhos e outros conteúdos, que circundam áreas como entretenimento, educação e cultura, adicionou mais um material em sua galeria em Setembro de 2024. Intitulado UNITOPIA, direcionado às instituições superiores de ensino públicas e sua comunidade; Entretanto, antes de alcançarmos o recente material produzido, destacamos a produtora que o produziu.

A produtora Brasil Paralelo, fundada em 2016 na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul por Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem veem nos últimos anos produzindo materiais audiovisuais em sua plataforma que versam acerca de temas como entretenimento, educação, cultura, e mais recentemente, jornalismo.

“A empresa fundada em 2016, ano em que a democracia brasileira viveu um revés com o processo de impeachment da então Presidenta da República, Dilma Rousseff, produziu sua primeira série documental em seis episódios, o Congresso Brasil Paralelo (CBP), oferecendo-o gratuitamente em sua página no YouTube, e oferecendo também, a quem interesse, o pacote com palestras na íntegra. Ao adquirir o pacote, o espectador tornava-se membro fundador da empresa, tendo acesso vitalício às produções” (CARVALHO; L.B; 2024.Pg 2).

Dessa primeira produção em diante, a produtora obteve apoio de diversas figuras marcantes direita nacional como o “professor Olavo”, chamado assim pelos integrantes da produtora, a figura de Olavo de Carvalho e mentoria por Leandro Ruschel⁶. A empresa se

⁶ Leandro Ruschel é empresário de investimentos, ex aluno de Olavo de Carvalho e crítico dos governos petistas

apresenta como “uma empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação”⁷, que possui a missão de “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros.”⁸ Suas ideias são transmitidas por:

“produções originais, filmes e desenhos de grande sucesso em nossa própria plataforma, além de programação gratuita em canais digitais abertos. Os Originais BP englobam documentários, séries, trilogias, entrevistas, programas e cursos. Produzimos até um filme. Os temas variam entre história, ciência política, filosofia, arte, atualidades e economia, dentre outros.” (Brasil Paralelo)⁹.

Ainda sob a perspectiva da produtora, destaca-se uma linha cronológica feita pela própria empresa, em que destacam os anos de 2016 até 2022, demonstrando a evolução da empresa:

“2016: Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem fundam a Brasil Paralelo em Porto Alegre. Os recursos eram escassos, a sala era pequena e as câmeras emprestadas. Aos poucos e com a ajuda de quem acreditava no projeto, foram conseguindo entrevistas de quem poderia explicar o cenário brasileiro naquele momento. Assim nasceu a primeira produção, o Congresso Brasil Paralelo.” (Brasil Paralelo)¹⁰.

Congresso esse que teve a participação de figuras importantes da política brasileira:

“O CBP contou com representantes importantes do conservadorismo tanto no campo político como também acadêmico, sendo alguns deles Jair Bolsonaro, Luiz Philippe de Orleans e Bragança, Hélio Beltrão, Adriano Gianturco, Olavo de Carvalho, Eduardo Bolsonaro, Rafael Nogueira, Thomas Giuliano, Marcus Boeira, Leandro Ruschel, Beatriz Kicis, Carla Zambelli, Fernando Holiday, Gilmar Mendes, entre outros. Nessa primeira produção, definida como “o maior diagnóstico já feito - até então - sobre a situação econômica, política e cultural do Brasil” (CARVALHO; L.B; 2024.Pg 2).

Ou seja, ao mesmo tempo em que destacam sua “independência”, como podemos notar:

“Não recebemos nenhum tipo de financiamento de partidos, políticos, movimentos, leis etc. Desde a fundação da empresa, nunca recebemos e nunca receberemos nem

⁷ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 5/9/2024

⁸ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo.. Acesso em 5/9/2024

⁹ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 5/9/2024

¹⁰ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 5/9/2024

mesmo um real do dinheiro público. Nossa receita advém da venda de assinaturas de conteúdo para os nossos membros.”(Brasil Paralelo)¹¹.

Nota-se um orgulho da empresa em não usar dinheiro público, entretanto nota-se que ocorre um “financiamento” mesmo que não monetário, mas sim político de agentes conhecidos do campo da extrema-direita brasileira. Ao continuarem sua apresentação destacam:

“2017: Um segundo sucesso logo na sequência: a série Brasil: A Última Cruzada, cujos episódios somados ultrapassam 10 milhões de reproduções. Essa série constitui ainda hoje o maior resgate histórico já produzido no Brasil. Neste mesmo ano, a Brasil Paralelo alcança a marca de 10 mil assinantes.

2018: Diante de tantas horas de entrevistas com especialistas e considerando a sede de conhecimento que o público transparece, é criado o Núcleo de Formação. Professores convidados começam a gravar aulas de história, filosofia, ciência política e economia. Trata-se da maior iniciativa educacional da BP. Hoje, o Núcleo já conta com mais de 50 cursos que contemplam aspectos diferentes da cultura. Também em 2018 é lançada a plataforma de conteúdo da Brasil Paralelo e a série Teatro das Tesouras.

2019: 1964: O Brasil Entre Armas e Livros. Com mais de 9 milhões de visualizações, esse é o documentário brasileiro mais visto da história. A intenção foi questionar um período praticamente inquestionável do Brasil: o Regime Militar. O resultado foi uma investigação internacional com descoberta de documentos soviéticos sobre o tema e censura por parte da mídia brasileira.

2020: O ano da virada! A Brasil Paralelo muda sua sede para São Paulo. 2020 foi um dos mais atípicos da história e o risco de ter de fechar as portas e voltar para Porto Alegre era iminente. Não foi preciso. Com o lançamento da trilogia Pátria Educadora e com a criação do Plano Patriota, houve recursos suficientes para seguir com a produção de conteúdo. Daí em diante as produções não pararam: O Fim das Nações, As Grandes Minorias, 7 Denúncias: As Consequências do Caso Covid 19, Os 11 Supremos, e Os Donos da Verdade. Primeiro Especial de Natal da Brasil Paralelo. Neste período o número de assinantes já estava em 170.000.

2021: No ano de 2021, a Brasil Paralelo lançou oficialmente sua Plataforma de Streaming com grandes filmes de produtoras como Sony e MGM. Além dos filmes, a BP também lançou sua grade de programação diária.

2022: Um ano de diversos marcos. A Brasil Paralelo lançou seu aplicativo para sistemas Android e iOS, produziu sua primeira animação Reconquista, lançou as trilogias Entre Lobos e Crise dos 3 Poderes, além de alcançar a marca de meio milhão de assinantes” (Brasil Paralelo)¹².

Dessa forma, julgamos importante ressaltar três características que também são levantadas pela produtora, como sua missão, visão e valores:

¹¹ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 5/9/2024

¹² Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 5/9/2024

“MISSÃO: Resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros; VISÃO: Ser o ecossistema de maior influência cultural do Brasil; VALORES Verdade, Liberdade, Arte, Ambição, Meritocracia, União, Diplomacia” (Brasil Paralelo)¹³.

Ao pensarmos na dimensão da produtora, em números, a própria empresa os destaca:

“Mais de 400 mil membros assinantes; Mais 3,6 milhões de inscritos no canal do YouTube; 100% presente em todos os Estados do Brasil e mais de 6 milhões de seguidores nas redes sociais somadas.” (Brasil Paralelo)¹⁴.

Por consequência, ao notar os elevados números da produtora, nota-se a importância de analisar a Brasil Paralelo, pois como uma empresa e organização, movimentam diversas vezes e ideias da extrema-direita nacional. E que são, de acordo com a Revista Forbes a segunda maior organização pró-sociedade-livre.

“Segunda maior organização pró-sociedade-livre do mundo Segundo avaliação divulgada na Revista Forbes sobre organizações pró-sociedade-livre, Brasil Paralelo ocupa hoje a posição de segundo maior impacto do mundo, sendo, nas palavras de Alejandro Chafuen, uma "Netflix pró-sociedade-livre". (Brasil Paralelo)¹⁵.

Dessa forma destacamos que as produções, principalmente documentários, possuem um caráter ambivalente, ao que concerne às universidades públicas, destacado em pesquisas já feitas:

“Para além das classificações das produções da BP como revisionismo (histórico) abusivo ou negacionismo histórico (entre outros tipos de negacionistas), os documentários e cursos produzidos são apresentados por professores e personalidades reconhecidas, sendo muitos deles ligados às instituições de ensino superior e de pesquisa. Em vista disso, pode-se entrever uma ambiguidade na relação estabelecida com os títulos universitários que 1) são usados para garantir a qualidade das produções enquanto uma produção com respaldo científico e 2) para atestar, sutilmente, a dissidência desses intelectuais dos espaços ocupados por um suposto consenso hegemônico operado por grupos progressistas, à esquerda, nas universidades.” (CARVALHO; L.B; 2024. Pg 3).

¹³ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 5/9/2024

¹⁴ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 16/9/2024

¹⁵ Informação retirada da página inicial do website da empresa Brasil Paralelo: O que é a Brasil Paralelo. Acesso em 16/9/2024

Assim sendo, destaca-se por pesquisas anteriores e de maior fôlego que a produtora Brasil Paralelo tornou-se não só bastante disseminada na sociedade brasileira, como suas ideias cada vez mais tomam forma contra aqueles retratados como seus inimigos. Dessa forma, focamos nosso olhar sobre a produção lançada em Setembro de 2024, intitulada UNITOPIA, que como ressaltado anteriormente possui um noção ambígua sobre a produção científica e do campo científico.

Destacamos, que a Brasil Paralelo acumula análises acadêmicas, com metodologias variadas: analisar a produtora através do foco no conceito de “mito”¹⁶ ou muitas vezes através da análise gramsciana de hegemonia¹⁷ ou mesmo através das agendas conservadoras.¹⁸ Entretanto, neste trabalho focamos nossas análises a partir da perspectiva de campo de Pierre Bourdieu pois ao analisar o Campo Científico podemos mais detidamente analisar a posição dos agentes dentro da própria ciência e analisar mais facilmente suas estratégias de disputa do campo científico

3.5 Documentário Unitopia:

Nesta seção será exposto o documentário e suas ideias na perspectiva do próprio objeto de análise. Sendo assim, o documentário UNITOPIA que possui dois episódios, ambos com duração de uma hora e nove minutos, e um material complementar acerca do episódio um que está em formato de texto via E-book, escrito por Renato Caruso e Evelyn Nonato. Como o material para análise se divide em dois episódios, julgamos necessário dividir também a análise por episódio.

No que se refere ao primeiro episódio, em que suas ideias foram compiladas em E-book, se julgou mais eficiente utilizá-lo. Assim sendo, esse material em E-book utiliza-se de características discursivas presentes em ambos os episódios, como as ideias de “Lavagem de Ideias”, parte central da narrativa do primeiro episódio, que seriam:

¹⁶ Conferir em: MARTINS DORIA PAULO, Diego; Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020); 2020

¹⁷ Conferir em: Salgado, J., & Ferreira Jorge, M. (2021). Paralelismos em disputa: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. *Revista Eco-Pós*, 24(2), 726–738. <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27797>

¹⁸ Conferir em: Lacerda, Milena Carlos de. “Mais família, menos Estado”: o agenciamento das questões de gênero e sexualidade pela extrema direita brasileira / Milena Carlos de Lacerda. – 2023.

“Para tratar da corrupção ideológica exposta pelo caso Grievance Studies, Peter cunhou a expressão “idea laundering” (“lavagem de ideias”), a ser entendida em analogia ao conceito de “lavagem de dinheiro”: revistas são criadas por grupos de acadêmicos que compartilham da mesma ideologia para que possam disfarçar as ideias que querem transmitir à sociedade de artigos com validação científica. Trata-se de um artifício de instrumentalização do prestígio da academia e da ciência visando influenciar as políticas públicas e levar a cabo a transformação utópica da sociedade.”(Caruso, 2024; Pg 22).

O segundo episódio, a principal ideia abordada no segundo episódio refere-se ao que é construído na narrativa da Brasil Paralelo como as “Crenças de Luxo”:

“[...] os discípulos da filosofia foucaultiana sobre as dinâmicas de poder na sociedade parecem insensíveis à estrutura de poder que alimentam em benefício próprio: envaidecidos por pertencerem à elite do pensamento, acreditam monopolizar uma compreensão do mundo acessível apenas pelos iniciados na sua linguagem e nos seus costumes. São vítimas insuspeitas do anseio humano por status social, exibicionistas da mais confiável sinalização de ingresso às classes elevadas da sociedade: as crenças de luxo. Segundo o autor americano Rob Henderson, que cunhou a expressão, as crenças de luxo funcionam como substitutas dos bens de luxo na civilização ocidental contemporânea, em que a ostentação de riqueza através de posses materiais se torna cada vez menos exclusiva das elites.”(Caruso, 2024; Pg 13)

Assim sendo, destaca-se que ambos os episódios são extremamente importantes para a compreender o pensamento político que circunda o interesse pelo material audiovisual em duvidar e em criticar o campo científico atualmente consolidado denominado-o como um espaço de “esquerdistas”.

3.5.1 Episódio 1: Ciência como Lavagem de Ideias

No primeiro episódio, o caráter investigativo sobre o cotidiano dentro das universidades se destaca. Ao trazer diversas entrevistas com membros do ambiente acadêmico, como alunos, ex-alunos e docentes, de variadas universidades públicas brasileiras como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal de São Carlos (UFScar); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Tais relatos destacam o papel da universidade para com a sociedade, sendo um lugar que “proporciona”, de experiências de formação social e principalmente profissional. Sendo uma das forma de alcançar esse espaço tão desejado, jovens do país todo passam pelo

Vestibular, que seria uma forma de “solenidade”(UNITOPIA [...], 2024, 1 min 12 s) Ou seja, a Universidade possui um lugar de estimada importância para a sociedade no geral, não um espaço de Utopias:

“A universidade tem um lugar na sociedade; não é uma utopia (palavra com o sentido etimológico de “não-lugar”). E esse lugar é o de fornecer formação profissional e produção de conhecimento em benefício da sociedade em que se insere, enquanto recebe, em troca, financiamento e o prestígio oriundo do reconhecimento de seus diplomas e títulos.” (Caruso, 2024; Pg 5).

E seria a “última instância” (Caruso, 2024; Pg 5) de conhecimento da sociedade:

“As universidades são a instância final do conhecimento em uma sociedade, depois da qual não mais cabe recurso. Jornalistas recorrem a elas para validar notícias, os métodos pedagógicos aplicados nas escolas são desenvolvidos nelas, assim como os tratamentos dos doentes, as tecnologias de ponta, os modelos econômicos e tudo mais do que depende, em grande parte, a vida dos povos e das nações.” (Caruso, 2024; Pg 5).

Entretanto, acumulam-se queixas sobre o cotidiano do ambiente acadêmico, que uma vez dentro se mostraria, que não seria realmente para todos, dependendo do seu pensamento político, pois teria ocorrido uma mudança nesse ambiente nas últimas décadas:

“Porém, ao passo que os valores e os anseios das sociedades permaneceram fundamentalmente os mesmos nas últimas décadas, o mundo acadêmico, ao menos no Ocidente, foi invadido, tomado e convertido por um impetuoso assédio ideológico.” (Caruso, 2024; Pg 5).

Ao iniciar a explicação sobre o “impetuoso assédio ideológico” que tomou as universidades, somos levados aos E.U.A, passando também por diversas universidades, em que se destaca as mobilizações pró-palestina¹⁹. E em como esse movimentos voltado aos movimentos progressistas são entendidos como sistêmicos e incentivados pelas universidades (UNITOPIA [...], 2024, 6 min 31 s) não somente nos E.U.A esse “enlouquecimento” ocorre, mas ao redor do mundo Ocidental: “Quando o Noroeste Global enlouquece, ele tende a puxar a maior parte do mundo para sua direção” (UNITOPIA [...], 2024, 6 min 50 s).

Relacionado a esse “enlouquecimento do Noroeste Global” destacam-se pesquisas de Shiva Oswal, em “*Faculty at American Universities: Becoming Increasingly Liberal? SSRN*.”

¹⁹

conferir

em

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/universidades-dos-eua-tem-onda-de-protestos-pro-palestina-dezenas-sao-presos/>

2020. que destaca que “Enquanto a proporção de professores progressistas para cada conservador nas universidades americanas era cerca de um em 1975, saltou para cerca de nove em 2020”(Apud Caruso, 2024; Pg 06) e outros trabalho que segue a mesma ideia, que seria, a uma acúmulo de docentes progressistas nas universidades Norte-Americanas e no Brasil o processo seria similar:

“O jornalista Gabriel de Arruda Castro conduziu uma pesquisa que analisou 7000 obras entre teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas em dezenas de universidades brasileiras nas mais diversas áreas do conhecimento, de administração a zootecnia. Nelas, foram encontradas 359 menções da expressão “racismo estrutural”, sugerindo ser este um tema de maior interesse da academia brasileira do que, por exemplo, a Proclamação da República, mencionada 314 vezes, e o Descobrimento do Brasil, lembrado apenas 49 vezes. Considerando, desta vez, um universo de 5000 teses e dissertações publicadas em 2022 e 2023, o jornalista também descobriu que o mesmo pódio de autores mais citados se repetia nos dois anos, compreendendo três dos maiores ícones do pensamento de esquerda das últimas décadas: o filósofo pós-modernista Michel Foucault, o pedagogo marxista Paulo Freire e o próprio Karl Marx.” (Caruso, 2024; Pg 7).

Dessa forma, destacam que a partir desses dados, o interesse em temas como “racismo estrutural” seria um interesse voltado ao interesse apenas da esquerda acadêmica, e ao priorizar esses temas, a esquerda teria criado nos campi universitários, as ilhas de Utopia, e não representaria mais os interesses da universidade:

“A aguda reorientação de rumo das universidades estremeceu sua relação com a sociedade. Com formação profissional e produção de conhecimento descompassadas dos valores e das necessidades da população, a academia se voltou para si mesma, transformando os campi universitários em ilhas.” (Caruso, 2024; Pg 7).

Essa seria a explicação dada pelos integrantes do documentário para um primeiro movimento de desinteresse pela universidade pública, vindo da sociedade que já não mais se enxergaria nesse ambiente.

“Uma citação atribuída a George Orwell constata que “algumas ideias são tão tolas que apenas um intelectual poderia acreditar nelas”. Em mais esse lampejo de sua visionária inspiração, o autor de “1984” parece ter antecipado o inconciliável divórcio atualmente consumado entre o senso comum e as ilhas nas quais objetos inanimados, como pedras e alimentos, podem carregar o estigma do racismo; “oficinas de masturbação” e militância pela descriminalização de qualquer droga constituem atividades acadêmicas; e um processo de impeachment transcorrido conforme as previsões constitucionais é um golpe de Estado” (Caruso, 2024; Pg 7).

Dessa forma, a primeira parte do episódio um, torna-se um aviso sobre o que seria a corrupção ideológica na ciência produzida nas universidades, mas também ressalta inúmeras vezes o papel das universidades para a produção do conhecimento:

“Porém, sem ter interrompido o influxo de financiamento e de prestígio na sua direção, as universidades, que não mais operam no sistema de valores vigente fora de seus portões, permanecem umbilicalmente conectadas às elites, ávidas pela validação de seu status nos mais importantes edifícios do conhecimento. Por isso, ainda que a maior parte dos cidadãos discorde das ideias que transitam na academia, eles continuam vulneráveis ao impacto das instituições abastecidas por essas ideias, sejam os tribunais, as escolas, as grandes empresas, a mídia ou o poder político.”(Caruso, 2024; Pg 9).

A partir de um segundo momento do episódio, destaca-se o que os integrantes construíram ao final do episódio, como a “lavagem de ideias”(Caruso, 2024; Pg 22), teoria criada Peter Boghossian²⁰, filósofo norte-americano que estuda áreas como ateísmo, pensamento crítico, pedagogia, ceticismo científico e método socrático²¹. Boghossian destaca ao aparecer aos onze minutos do episódio destacando o cuidado com informações falsa e destacando que a realidade nas universidade americanas é pior do que parece:

“É melhor para uma pessoa olhar para a parede para uma hora do que aprender algo que é falso por uma hora. Então, a ideia de que a universidade, como disse Jonathan Haidt, saiu da busca pela verdade e tem uma finalidade ou um objetivo diferente agora, e esse ponto final é a justiça social e você não pode ter ambos. Você pode ter um ou pode ter o outro. Seria melhor se essas pessoas que foram à universidade para aprender coisas falsas não tivessem ido à universidade e passassem o tempo olhando para a parede.” (UNITOPIA [...], 2024, 11 min 47 s).

Junto com esses destaques, os integrantes demonstram a censura que ocorreria com o pensamento de direita nas universidade, relata um dos participantes:

“A mesma coisa com a ciência, então, se você faz um discurso contra a vacina, aí você é perseguido, porque você faz um discurso contra a ciência. Agora se você fala uma coisa completamente absurdas, tipo “não há diferenças biológicas entre homens e mulheres”, aí você pode falar, porque é uma crítica à ciência que é defendida pela esquerda” (UNITOPIA [...], 2024, 16 min 12 s).

Ou seja, destaca-se uma “pregação pela diversidade” que seria falsa, assim, destacam que:

²⁰Conferir

em

<https://www.opb.org/article/2021/09/09/longtime-psu-instructor-quits-citing-harassment-lack-of-free-speech/>

²¹ Conferir em <https://peterboghossian.com/articles>

“A pregação por diversidade, que se consolidou nos ambientes acadêmicos como a ostentação máxima de decoro [...] paradoxalmente, exclui de suas pautas a diversidade mais valiosa para o progresso científico: a de pensamento.[...] Portanto, ambientes nos quais a dissidência das ideias dominantes seja intolerada e punida aniquilam justamente aquilo que as universidades deveriam incentivar: o pensamento crítico, as grandes descobertas e o virtuosismo dos gênios.”(Caruso, 2024; Pg 10).

Evidenciando seu ponto de vista, argumentam a partir de uma pesquisa de 2021 que:

“[...] que 80% dos estudantes de universidades americanas se autocensuram, muitos se sentem desconfortáveis para falar em voz alta nas salas de aula e uma grande parcela considera aceitável silenciar palestrantes que defendam posições opostas às suas no campus.”(Zeisloft, B. SURVEY; 2021 *apud* (Caruso, 2024; Pg 11).

Ao construir de diversas formas o ambiente acadêmico como um ambiente de perseguição e violência aos opostos de pensamento, durante os últimos momentos do episódio, destacam-se também dois últimos aspectos do pensamento político que norteia o episódio: em um primeiro movimento, que destaca um “Pseudomarxismo” ; E em um segundo movimento, a escolha feitas nas universidades entre técnica (qualidade de conhecimento dos alunos formados) e consciência social.

Acerca da ideia trazida de pseudomarxismo, o cientista político Wilfred Reilly, destaca:

“O quadro predominante que muitas pessoas têm é uma espécie de pseudomarxismo. Eu realmente acho que este é um ponto importante que vale a pena aprofundar. Se você deixar de lado as besteiras sobre economia, sobre produção de mercadorias e relações estruturais, o elemento central do marxismo é um aprimoramento do que Rousseau disse é algo que Foucault diria mais tarde. É uma ideia central da esquerda, de que você está sendo enganado. A ideia marxista é que sistemas aparentemente neutros da sociedade, trabalho em fábricas, testes de inteligência -os teóricos marxistas falam muito sobre isso- são na verdade... mesmo direita à propriedade, são na verdade configurados para beneficiar os ricos e oprimir todos os outros. Então o sistema legal é configurado para beneficiar a alta burguesia e manter todos os outros para baixo. Toda outra variante do pensamento de esquerda é apenas uma cópia menos inteligente do marxismo. Por exemplo, a teoria crítica da raça apenas substitui o homem rico pelo homem branco. A quarta onda do feminismo apenas substitui o homem rico pelo homem.” (UNITOPIA [...], 2024, 28 min 12 s).

Ou seja, as ideias desenvolvidas nas universidades teriam um “espírito marxista” em suas pesquisas e escolhas de objeto, ao invés de serem neutras em sua busca por conhecimento. Essa noção de pseudomarxismo trazida pelos integrantes destacaria a escolha feita pelas universidades entre qualidade e consciência social.“Ao escolher a consciência

social a universidade a universidade forma poucas pessoas com qualidade técnica” (UNITOPIA [...], 2024, 44 min 32 s).

Por fim, todas as ideias destacadas até aqui como: Ilhas de Utopia; Pseudomarxismo; Pregação falsa pela diversidade; Censura de pensamentos opostos. Reverberam e se somam a ideia de que a universidade seria um espaço de Lavagem de Ideias, que seria uma crítica do pensamento de direita ao processo de construção de conhecimento pela análise pelos pares.

Pois não destaca apenas , no último capítulo de seu e-book levando o nome de “Ciência Contra Ciência”, o método científico, mas sua construção:

“O método científico consiste, fundamentalmente, na elaboração de uma hipótese falseável (ou seja, que possa ser provada falsa) seguida por um teste empírico capaz de colocar a hipótese à prova para concluir-se, por fim, a validação ou descarte dela. [...] , um importante critério de validação de uma pesquisa científica é a sua replicabilidade, ou seja, sua capacidade de ser reproduzida por outros pesquisadores através de métodos similares e com obtenção de resultados análogos.”(Caruso, 2024; Pg 20-21).

Dessa forma, Peter Boghossian, destaca que esse método científico possui um obstáculo, que seria a prática do que ele chama de “Lavagem de ideias”:

“Para tratar da corrupção ideológica exposta pelo caso Grievance Studies, Peter cunhou a expressão “*idea laundering*” (“lavagem de ideias”), a ser entendida em analogia ao conceito de “lavagem de dinheiro”: revistas são criadas por grupos de acadêmicos que compartilham da mesma ideologia para que possam disfarçar as ideias que querem transmitir à sociedade de artigos com validação científica. Trata-se de um artifício de instrumentalização do prestígio da academia e da ciência visando influenciar as políticas públicas e levar a cabo a transformação utópica da sociedade.(Caruso, 2024; Pg 22).

Sendo assim, o primeiro episódio se encerra com uma linha cronológica que se apresenta no Governo Collor (1990-1992) até o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2007) em que se inicia essa linha do tempo com o papel do sociólogo Florestan Fernandes na Constituinte de 1987, em auxiliar no art 207 da Constituição Federal que determina:

“Art. 207. As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” (BRASIL, 1988).

Tal linha de pensamento pretende chegar à seguinte conclusão:

“esse artigo ele blinda as universidades brasileiras, ele deu a elas autonomia didática, científica, pedagógica, administrativa e financeira sobre um discurso que isso protegeria a qualidade das instituições, resultados pífios e vimos que a autonomia universitária blindou as universidades e as transformou em redutor marxistas” (UNITOPIA [...], 2024, 56 min 06 s).

Por fim, destaca-se que para um primeiro episódio, ele objetivamente direciona suas críticas aos principais pilares do campo científico, a análise pelos pares e a confiança nesse processo, e por fim a autonomia universitária. Por consequência, tais argumentos focam em uma crítica aos moldes científicos atuais, os declarando de falsos e enviesados pelo pensamento de esquerda, impedindo a entrada de pensamento do campo da direita. Para isso, demonstra essa realidade a partir de teorias e relatos de indivíduos que pensam de forma semelhante. Tal posição destacada torna-se importante, pois os críticos da ciência de “esquerda”, também são cientistas, ou seja, membros do Campo. Ou seja, sua narrativa demonstra uma disputa por espaço no campo, notando assim sujeitos de baixo prestígio e influência científica, sendo assim, pode-se entender que suas críticas visam deturpar os achados de seus colegas “esquerdistas” para que assim sua crítica, junto de sua visão ciência tome mais visibilidade torna-se mais prestigiada.

Dessa forma, destaca-se que nesse primeiro movimento de análise, torna-se de suma importância retornar ao espaço da discussão da própria ciência, que pretendia Pierre Bourdieu ao produzir a noção de Campo Científico, visando escapar da ideia dicotômica da Ciência, que seria considerar a ciência como internalista ou externalista. Como foi exposto, nosso objeto de análise busca ao decorrer de sua narrativa demonstrar como a “verdade” não seria o real interesse da universidade, mas sim o controle da sociedade. Pois também de acordo com a narrativa exposta, às universidades e seus membros de alto nível estariam ao lado das elites, ou seja, contrários aos interesses da sociedade e do povo. A busca por uma ciência pura é óbvia ao longo da formulação da narrativa. Porém as características que compõem sua narrativa são também importantes, pois ao contrário de uma ciência pura, teríamos uma lavagem de ideias que organizam as ditas ilhas utópicas.

Nessa narrativa, a “Ciência Pura” destaca-se pela qualidade dos alunos e não por sua consciência social, dessa forma, parece que tal ideia se assemelha, *mutatis mutandis*, as de Robert K. Merton, ou seja, a ciência sem contato com o mundo social, e ao demonstrar o que seria ou não um verdadeiro cientista:

“Grosso modo, há, de um lado, os que sustentam que, para compreender a literatura ou a filosofia, basta ler os textos.[...]descreve o processo de perpetuação da ciência como uma espécie de partenogênese, a ciência engendrando-se a si própria, fora de qualquer intervenção do mundo social.”(BOURDIEU. 2004. Pg. 19-20).

Ao que concerne a ideia de Lavagem de Ideias criada por Peter Boghossian, tal termo demonstra o que poderíamos chamar de “ceticismo desorganizado” em diferença ao ceticismo organizado de Robert K. Merton. Pois tal ideia desorganiza a confiança na análise pelos pares, colocando em seu lugar uma desconfiança genuína de seus colegas produtores de conhecimento. Ao comparar pelas análises de Bourdieu, destaca-se primeiro a diferença entre os capitais científicos dentro do campo, que na narrativa analisada não ocorre.

“[...] o capital científico “puro” adquire-se, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas [...] o capital institucionalizado, se adquire essencialmente, por estratégias políticas (específicas) que têm em comum o fato de todas exigirem tempo[...].” (BOURDIEU, 2004. Pg 36).

Dessa forma, destaca-se que a influência que determinado agente terá no campo depende do capital acumulado. Sendo assim, aquele pesquisador que possuiria maior prestígio entre seus pares seria não só mais conhecido, mas também ditaria as formas de circulação do conhecimento.

“Uma das virtudes da teoria do campo é que ela permite romper com o conhecimento primeiro, necessariamente parcial e arbitrário -cada um vê o campo com uma certa lucidez, mas a partir de um ponto de vista dentro do campo, que ele próprio não vê-, e romper com as teorias semieruditas que só contêm, em estado explícito, um dos pontos de vista sobre o campo. [...] lucidez interessada que inspira rivalidade ou hostilidade[...] do ponto de vista de seu concorrente, de serem cegos acerca de si próprios e sobretudo acerca do ponto de vista a partir do qual apreenderam seu concorrente, isto é, sobre o fato de que, inscritos no mesmo campo, ocupavam posições antagônicas, princípios de sua lucidez e de sua cegueira.” (BOURDIEU, 2004. pg 43-44).

Ou seja, a crítica à análise pelos pares que Boghossian leva a cabo, acaba sendo apenas uma forma de se mostrar em posição antagônica, ou seja, apenas “princípios de sua lucidez e de sua cegueira” (Bourdieu. 2004). As características da narrativa de fazer parte do grupo que possui as características ditas verdadeiras para buscar a verdade na ciência, encontram eco ao construir-se como adversário de outras ideias, entretanto, mesmo ao se

construir como aquele que possui a neutralidade na ciência, essa falsa prerrogativa de neutralidade não deixa também possuir objetivos e interesses .

A crítica à análise pelos pares demonstra um interesse em alterar as estruturas vigentes, se construindo como opositor às “elites” da ciência e construindo seus semelhantes como “cegos”, tais características demonstram que mesmo negando a ciência, tais agentes também a chamam para si com o objetivo de modificação das universidades e de seus interesses.

Ao trazer a dicotomia entre uma ciência pura e uma corrupta (ligada à esquerda) torna-se difícil analisar o campo científico. Por exemplo, ao construir o campo científico como um espaço apenas dominado por sujeitos de esquerda não leva em consideração o fato da ciência sempre estar em constante alteração, e ser passível de mudanças hora por um agente, ora por outro. Essa ideia de mutabilidade do campo torna-se algo apenas do pensamento marxista no início do episódio. Porém, durante o trajeto de encerramento, o caminho torna-se outro, o de apostar em uma mutabilidade. A partir disso, destacamos que a noção marxista de campo científico de Pierre Bourdieu é negada ao: primeiro, apenas por ser marxista (demonstrando baixa diversidade advinda da narrativa) e segundo porque considera os sujeitos com poder de agência sobre a estrutura. Ainda mais pelo motivo de que os integrantes direcionam seu discurso à mudança das regras pelos pares.

3.5.2 Episódio 2: Universidade como produtora de crenças de luxo:

Ao que concerne ao segundo episódio da obra, o tom investigativo perde espaço para uma narrativa de confronto que anteriormente não estava tão presente. As narrativas que se destacam nesse momento são: As universidades como laboratórios sociais; Crenças de luxo; Tabula rasa; Prestígio como status social e a Possibilidade de mudança. Cada uma dessas características que são utilizadas para categorizar as universidades e a produção do conhecimento, mobilizam diversos atores de dentro do espaço acadêmico, visando destacar e sedimentar as ideias do primeiro episódio, que seriam: (I) Universidade como uma ferramenta da esquerda na guerra cultural; (II) Análise pelos pares enviesadas pelo pensamento dominante da esquerda; E por fim (III) A mistura entre conhecimento e função social.

Ao iniciar o segundo episódio, destacam-se novamente os relatos de entrevistados sobre sua trajetória acadêmica, logo a narrativa se constroi novamente colocando a

universidade inicialmente como um espaço que proporciona aos seus indivíduos a oportunidade de ascensão social e financeira. Porém, em seguida, a narrativa se movimenta para o entendimento de que a universidade seriam espaços que perderam sua importância para a sociedade, em consonância a isso, inicia-se as críticas ao ambiente acadêmico, principalmente a dedicação exclusiva presente em pesquisas:

“Existe uma estrutura toda universitária que é feita para que o estudante viva a vida universitária quase 100%, as bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado elas tem diversas exigências, e uma delas em segunda ordem é de que você não trabalhe, que você possa se dedicar plenamente a pesquisa. Quanto mais tempo você consegue respirar, falar a linguagem universitária, quase como uma vida paralela, mais portas isso abre pra você, dentro dessa esfera acadêmica” (UNITOPIA [...], 2024, 01 min 58 s).

A narrativa rapidamente leva o foco para os “calouros”, ou seja, aqueles que acabam de entrar no ambiente universitário e como esse novo estudante faria, sem ter ideia disso, parte de um “pacto corrupto”, onde se pregaria a falta dos limites dos indivíduos:

“A universidade brasileira, ela convida o jovem a assinar um pacto, assim que eles chegam, que eles são recepcionados os professores logo apresentam a instituição e dizem: ‘você por aqui, você pode experimentar a iniciação científica; Por ali, você experimenta a Extensão universitária; Mas olha, pra quaisquer desses caminhos você precisa aderir aos nossos projetos, você precisa aderir as nossa linhas de pesquisa [...] e mostrava pro aluno muito facilmente que aquele espaço era um espaço de hedonismo, contrário aquele espaço que punha o limite e que fazia a castração dos impulsos da adolescência, é óbvio que em muitos casos, isso é a cereja do bolo desse pacto corrupto” (UNITOPIA [...], 2024, 02 min 34 s).

Destaca-se, a partir daqui, que a universidade estaria sob o controle da esquerda ao transformar o objetivo da ciência: este debate entre a qualidade da ciência se torna um dos panos de fundo da narrativa, a divisão entre uma ideia tradicional de ciência, que focaria no conhecer pelo conhecer, e em sua oposição, à ciência da esquerda, que traria a ideia de função social na ciência:

“Isso é uma visão tradicional, você formar o estudante.. formar pessoas, principalmente na filosofia e nas humanidades, artes, filosofia, história.. o conhecimento pelo conhecimento, porque conhecer é bom.. já diziam na idade média isso, conhecer é bom [...] a mentalidade de esquerda no meio intelectual brasileiro mudou também a chave, você precisa ter um conhecimento para ter uma função social” (UNITOPIA [...], 2024, 10 min 12 s).

Sendo assim, inicia-se o desenvolvimento das teorias que sustentam a série documental, a primeira dela, uma ideia de negacionismo da esquerda:

“A resistência aos fatos que vem da esquerda, ela é mais assediada, porque ela é como aquele cupim que roendo o pilar da universidade. As versões de direita, de resistência a fatos como o aquecimento global antropogênico, ela é menos influente, ela não tem esse poder de infiltrar e cooptar instituições. E no caso da influência da resistência a fatos ou o negacionismo da esquerda, o principal tema que é afetado por isso é o entendimento da natureza humana” (UNITOPIA [...], 2024, 13 min 15 s).

E junto desse negacionismo da esquerda, ocorreria a hipótese de “Tabula rasa”, que de acordo com seus intérpretes:

“O compromisso com a justiça social conduz grande parte dos pesquisadores acadêmicos a projetar seus ideais de igualdade em seus objetos de pesquisa. Com o olhar moldado pelo reducionismo progressista de que todos os males derivam das dinâmicas sociais de opressão, sonham com uma desconstrução do modelo perverso que desvirtuou a igualdade original dos homens. Ou seja, para que a utopia progressista seja sequer alcançável, é preciso que todos sejam iguais ao nascer; é preciso que os seres humanos sejam tábulas rasas.”(Caruso, 2024; Pg 17).

Tal discurso retorna as críticas aos pares, pois destaca uma certa corrupção ideológica a qual os pesquisadores mais renomados faziam parte e até mesmo, minariariam as reais verdades:

“A polarização ideológica desperta nos mais devotados militantes paixões intensas, minando a resistência às falsificações e distorções que a análise racional dos fatos pode nos oferecer. Porém, enquanto o negacionismo científico tipicamente associado à direita _ como o criacionismo e a negação do aquecimento global causado pelo homem _ encontra baixa ou nenhuma adesão, atualmente, nas universidades, o negacionismo de esquerda encontra terreno fértil nos próprios ambientes que concentram a responsabilidade não só pela formação profissional mas, também, pela pesquisa científica” (Caruso, 2024; Pg 16).

É evidente que nas discurso evidencia como a análise pelos pares afastaria pensamentos opostos dentro da academia, sendo o pensamento de direita seria “resistência às falsificações e distorções” (Caruso, 2024), enquanto a esquerda dominante pregaria uma ciência misturada com objetivos sociais, logo, produziria seu “negacionismo de esquerda” por seus profissionais formados nas universidades. Nota-se também, como a narrativa atual constrói a universidade como um “laboratório social” da esquerda, a partir da relação com os

alunos, mas principalmente pela produção do conhecimento, pois também a esquerda objetivaria mudar a própria natureza humana:

“Nas revistas que mais pautam o conhecimento científico do nosso tempo, encontramos apologias à “descolonização da matemática” e ao uso de “linguagem inclusiva” na ciência, além da defesa de que o sexo é um espectro¹⁹ e outros exemplos da contaminação ideológica que turva a busca pela verdade em um vasto espectro de áreas do conhecimento, mas que concentra seus sintomas mais agudos nos campos de investigação da natureza humana” (Caruso, 2024, Pg 17).

Destaca-se que as principais produções trazidas para essa narrativa seriam:

“Além das variações inatas entre indivíduos, as demonstrações de variação entre grupos também são golpes fatais da ciência baseada em evidência na “ciência” politizada. Em especial, a origem biológica de grande porção das diferenças comportamentais entre os sexos é fortemente contestada pelo progressismo negacionista, a despeito dos robustos indícios factuais de que, por exemplo, traços comportamentais tipicamente masculinos são encontrados em crianças gestadas com maiores níveis de testosterona no líquido amniótico e de que escolha de carreira e aversão a risco são influenciadas pelos hormônios sexuais” (Caruso, 2024, Pg 18).

Ou seja, como os indivíduos seriam “rasos” à esquerda, a partir do conhecimento produzido e pelos profissionais formados, produziram suas próprias verdades, produzindo sujeitos mais suscetíveis a sua ideologia e contrários à ideologia de direita. Com isso, seriam profissionais mais preocupados com a propagação de sua ideologia do que na melhora da sociedade:

“[...] a predominância da hipótese da tábula rasa em diversas áreas da academia tem muito menos a função de explicar o mundo e o homem que a de fundar um manifesto, um chamado à ação pela reforma da natureza humana. Afinal, se nada nas pessoas é fixado por determinação biológica, todo o comportamento social é passível de ser transformado à imagem dos modelos utópicos arquitetados nos gabinetes universitários. E é com essa mentalidade que os graduados e os pós-graduados retornam à sociedade para ocupar seus cargos de poder, enquanto a população incauta segue financiando a formação de profissionais destinados não a assisti-la, mas a revolucioná-la” (Caruso, 2024, Pg 19).

A universidade, a partir do exposto até aqui, seria dominada por “crenças de luxo”(Caruso, 2024, Pg 13), “[...] funcionam como substitutas dos bens de luxo na civilização ocidental contemporânea, em que a ostentação de riqueza através de posses materiais se torna cada vez menos exclusiva das elites”(Caruso, 2024, Pg 14). O termo, criado por Rob Henderson, autor *Troubled: A Memoir of Foster Care, Family, and Social Class*, publicado

em 2024. Que destaca que a ostentação da esquerda não seria financeiramente, mas intelectual.

“Segundo o autor americano Rob Henderson, que cunhou a expressão, as crenças de luxo funcionam como substitutas dos bens de luxo na civilização ocidental contemporânea, em que a ostentação de riqueza através de posses materiais se torna cada vez menos exclusiva das elites. Dessa forma, o pavor de ser confundido com um impostor de classes populares fez a verdadeira elite desenvolver códigos que não podem ser imitados por quem não frequente seus círculos seletos” (Caruso, 2024 Pg 14).

Sendo a universidade o espaço considerado como o principal para a circulação dessas crenças:

“As universidades, como instituições que concentram a atribuição de produção de conhecimento e que agora apenas se mantêm em consonância com as elites, são incubadoras de crenças de luxo e validadoras da “honestidade” do sinal de status representado por elas: ninguém que não tenha acesso à elite encastelada no ambiente acadêmico é capaz de reproduzir fielmente as ideias ali desenvolvidas. As crenças de luxo, ainda, pela própria definição de Rob Henderson, oneram os mais pobres, adicionando a elas mais uma camada de proteção contra impostores, uma vez que um membro de uma classe popular que sustentasse uma dessas crenças estaria infligindo dano a si mesmo e aos seus. [...] A glamourização do uso de drogas e da promiscuidade e a desvalorização da estrutura familiar tradicional são outros exemplos de crenças ostentadas como sinal de status por aqueles cuja riqueza serve de proteção contra os efeitos devastadores dessas ideias” (Caruso, 2024, Pg 14-15).

Por fim, destaca-se que o prestígio da ciência, nessa narrativa, ao longo do episódio se destacou ao ser demonstrado como uma “moeda de troca” entre os pesquisadores, pois o que destacaria seu prestígio seria a forma como se divulga suas crenças de luxo. Ligada a essas crenças de luxo, que de acordo com os participantes, seria a negação a essas crenças que seriam da elite acadêmica de esquerda nas universidades que demonstraria o declínio dos indivíduos nas universidades.

“No Brasil, dados do MEC revelam um declínio de 60% das inscrições nos cursos de graduação pelo SiSU _ o sistema federal responsável pela oferta de vagas para o Enem em 6 anos. Os dados refletem a realidade de uma infiltração ideológica que não deformou apenas o ensino, a pesquisa e o ambiente universitários, mas, também, a própria missão da academia. A busca pela justiça social nos moldes utópicos do progressismo tornou-se a concorrente imbatível dos propósitos inscritos nos brasões de fundação das principais universidades do mundo.”(Caruso, 2024. Pg 23).

E por isso, a universidade e seus membros deveriam escolher, entre a objetividade da ciência, ao que destacam, presente na direita, ou as suas crenças de luxo, vindas da esquerda, dessa forma, destacam que não se deve destruir a universidade, mas buscar sua mudança pelos próprios indivíduos: “O futuro das universidades será tão incerto quanto o tempo que levarem para reencontrar sua própria história, reassumir seu lugar na sociedade e se lembrar de que não são utopias” (Caruso, 2024. Pg 24).

As características teóricas levantadas aqui sobre como nosso objeto visa divulgar suas ideias se assemelham com os debates do primeiro episódio, por mais que em seu segundo ato, a crítica toma o lugar da investigação. Entretanto, destaca-se que determinadas críticas e ideias vêm de agentes de dentro do campo científico, todavia, essas atitudes desses agentes científicos seriam contraditórias para com o *ethos da ciência*:

“O éthos da ciência é esse complexo afetivamente modulado de valores e normas que se considera serem obrigatórios para o homem de ciência. As normas são expressas na forma de prescrições, proscições, preferências e permissões. Elas são legitimadas em termos de valores institucionais. Esses imperativos, transmitidos por preceitos e exemplo, e reforçados por sanções, são internalizados em graus variados pelos cientistas, modelando sua consciência científica” (MERTON; Robert K; Pg 183).

As ideias levantadas durante o episódio na verdade destacaram uma corrupção do *ethos científico*, essa corrupção seria determinada pelo nível de desejos em que os pesquisadores (de esquerda) misturaram na ciência o interesse pela justiça social. Essa hipótese teria seus mecanismos de manutenção como as ideias de “Tabula Rasa” e as “Crenças de luxo”. Tais mecanismos possuem uma narrativa que constroi o campo científico não somente como algo corrupto, mas sem regras, essa narrativa, ao ser utilizada por membros da comunidade científica que não possuem atualmente tanta influência no capital científico puro ou institucional, demonstra um objetivo de ascensão ao filiar-se em movimentos dissonantes dentro da própria academia.

Ao criticar as bases científicas, os sujeitos presentes no documentário, objetivam colocar em cheque toda a produção de conhecimento. Visam colocar a sua no lugar, se mostrando mais “pura”. Tal argumento retrata nitidamente a divisão clássica entre ciência internalista e outra externalista. Porém, as críticas que também permeiam o *ethos científico*, percorrem também toda a produção de um campo científico, já que ao destacar que a autonomia é algo negativo, os participantes não notam um microcosmo dentro da

universidade, com regras próprias, que circulam a partir do capital científico que os agentes possuem, dando a eles mais ou menos prestígio. Ou seja, a narrativa apresentada embaralha essas noções, as classificando como parte de algo corrupto na ciência ou uma disputa por status sociais, como demonstraria a ideia de “crenças de luxo”. Ao buscar desestruturar o ambiente acadêmico os agentes que organizam essas ideias visam mudar sua posição nas estruturas de poder:

“Essa estrutura é, grosso modo, determinado pela distribuição do capital científico num dado momento. Em outras palavras, os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço.[...] os pesquisadores ou pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes, isto é, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre quais ele vão concentrar seus esforços e, se assim posso dizer, “compensar”, determinando uma concentração de esforços de pesquisa” (BOURDIEU. 2004. Pg 24-25).

Sendo assim, destaca-se que as teorias levantadas aqui buscam alterar a estrutura do campo científico, ao modo que quanto mais os agentes científicos mostram que “teria algo de errado” com as universidades, na mesma medida mostram que sua alternativa seria a resposta seria que basta a estrutura se alterar. Claramente o foco está na alteração das ideias de circundam o campo:

“Nas revistas que mais pautam o conhecimento científico do nosso tempo, encontramos apologias à “descolonização da matemática” e ao uso de “linguagem inclusiva” na ciência, além da defesa de que o sexo é um espectro¹⁹ e outros exemplos da contaminação ideológica que turva a busca pela verdade em um vasto espectro de áreas do conhecimento, mas que concentra seus sintomas mais agudos nos campos de investigação da natureza humana. (Caruso, 2024. Pg 17).

Como destaca Bourdieu, os sujeitos são categorizados pelo volume de seu capital. Ao terem ideias de baixa adesão e pouca permeabilidade, tais agentes precisam necessariamente se tornarem mais palatáveis ao meio universitário, a forma de fazer isso seria se mostrando como alternativa, para aqueles outros agentes que também, hoje teriam mais capital científico por sua posição dentro do campo.

“A polarização ideológica desperta nos mais devotados militantes paixões intensas, minando a resistência às falsificações e distorções que a análise racional dos fatos pode nos oferecer. Porém, enquanto o negacionismo científico tipicamente associado à direita _ como o criacionismo e a negação do aquecimento global causado pelo homem _ encontra baixa ou nenhuma adesão, atualmente, nas universidades, o negacionismo de esquerda encontra terreno fértil nos próprios ambientes que

concentram a responsabilidade não só pela formação profissional mas, também, pela pesquisa científica”Caruso, 2024. Pg 16).

Dessa forma, destaca-se que a posição que determinados agentes usam no campo, mostra de forma mais clara a justificativa por trás de suas ideias. Sendo assim, o episódio dois, em seu caráter mais crítico, é de suma importância, pois nos ajuda a enxergar o principal pano de fundo da série documental, a mudança da estrutura universitária, e com isso de seus pesquisadores, que na visão da Brasil Paralelo, seriam dominados por crenças de luxo e um intenso desejo de unir ciência e função social.

“[...] diferentes posições e tomadas de posições por uma visão polêmica, parcial e arbitrária dos próprios agentes que, como tal, é falsa, mesmo quando o que revela, desvela ou denúncia contém uma parte de verdade. Por isso, ela constitui uma contribuição possível para a compreensão mútua dos ocupantes de diferentes posições no campo e, ao mesmo tempo, para a integração dessa instituição que, de modo algum, implica a supressão das diferenças de pontos de vista” (BOURDIEU. 2004. pg 45).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao que concerne nossos resultados, direcionamos nossa análise em dois movimentos, ambos baseados em Pierre Bourdieu e sua análise de Campo Científico, o primeiro consiste em destacar qual o papel da universidade na narrativa; E em segundo lugar, as ferramentas epistemológicas da narrativa, como: Lavagem de ideias; Tabula Rasa e Crenças de Luxo e seu papel na construção de uma narrativa de inflexão e reestruturação das universidades e de seu núcleo docente.

Em um primeiro momento, destacamos que compartilhamos com pesquisas anteriores as mesmas conclusões, sobre a produtora audiovisual Brasil Paralelo, destaca seu caráter revisionista acerca de fatos históricos:

“[...] a Brasil Paralelo molda a realidade a partir dos seus interesses ideológicos, balizados por revisionismos que visam a forjar o “lado certo da história” e pela racionalidade instrumental neoliberal. Atua, assim, como um modelador dos comportamentos e das emoções, prescrevendo ideais de conduta, criando sentidos próprios para os acontecimentos, produzindo visibilidades, deturpações e simplificações, priorizando certos enunciados e silenciando outros. E, ainda, opera fornecendo ferramentas retóricas que não visam a complexificar o debate público, tampouco a enriquecê-lo, mas sim miná-lo, cerceá-lo e reduzi-lo à sua própria interpretação da realidade. Sob a defesa inalienável da liberdade individual e da moralidade conservadora, estabelecem verdades incondicionais, com pouca legitimação científica, enquanto fomentam a polarização social através da personificação do inimigo comum a ser liquidado, ocupada por qualquer alteridade que fuja do padrão identitário concebido por eles como o correto.” (Salgado, J., & Ferreira Jorge, M., 2021. pg.737-738).

Entretanto, a forma como a narrativa acerca das universidades públicas brasileiras é exposta e utilizada mostra, dessa vez, um interesse em disputar o espaço da Ciência, utilizando narrativas dos próprios agentes científicos de diversas áreas, tanto das humanas, quanto exatas e biológicas. Isso demonstra que a Brasil Paralelo vêm ganhando mais espaço entre os sujeitos de pensamento político conservador àos da extrema-direita, e que se utiliza de membros das universidades, que não possuem tanto prestígio atualmente, para fazer valer suas ideias de perseguição contra sujeitos de direita e de uma dominação esquerdista. Notamos que, tais agentes do campo científico que compartilham de noções parecidas com a Brasil Paralelo, ao se manifestarem, demonstram sua insatisfação com o atual sistema científico, e convidam outros a essa mudança para que assim, seu prestígio também aumente.

Sendo assim, tais agentes não visam o fim da ciência pois fazem parte dela, ou seja, não seriam anti científicos. Mas seriam contrários à ciência vigente, que destacam como esquerdista. Nessa prerrogativa de que aquele com o qual eu não concordo seja esquerdista,

James Burnham e sua análise sobre “esquerdistas” tornou-se similar à forma como a produtora se utiliza do termo.

“Em suma, o esquerdismo como um todo, variando de misturas um tanto duvidosas até sua quintessência, é hoje, e tem sido desde algum momento na década de 1930, a doutrina ou ideologia pública americana predominante. As premissas, ideias e crenças predominantes sobre política, economia e questões sociais são esquerdistas. Não estou dizendo que a grande maioria da população é esquerdista. Talvez a maioria seja esquerdista, mas isso é difícil de determinar com precisão. O certo é que a maioria, e uma maioria substancial, daqueles que controlam ou influenciam a opinião pública são esquerdistas, que algum tipo de esquerdismo prevalece entre os formadores de opinião: os professores das principais universidades, [...]” (BURNHAM; 2020, p. 51).

Enquanto durante o Documentário, em seu segundo episódio, destacou-se:

“A resistência aos fatos que vem da esquerda, ela é mais assediada, porque ela é como aquele cupim que roendo o pilar da universidade. As versoes de direita, de resistencia a fatos como o aquecimento global antropogenico, ela é menos influentes, ela não tem esse poder de infiltrar e cooptar instituições. E no caso da influência da resistência a fatos ou o negacionismo da esquerda, o principal tema que é afetado por isso é o entendimento da natureza humana” (UNITOPIA [...], 2024, 13 min 15 s).

Sendo indubitável o contato da produtora com o contexto norte americano, o contato com ideias de Mark R. Levin, também se mostraram verdadeiras ao produzirem também no documentário, em ambos os episódios, a ideia de “elite gerencial”, também na ciência brasileira e norte-americana. Pois para Levin:

“Esse marxismo seria o motivador de movimentos como ANTIFA, Black Lives Matter, de movimentos que propõe equidade racial e de gênero, de movimentos ambientais (denominados pelo autor como fanatismo verde) e por grupos que estimulam a ideia de justiça econômica. Todos esses movimentos estariam embasados em novas teorias acadêmicas de cunho marxista como a Teoria Crítica da Raça, Teoria Crítica de Gênero, que estariam interessadas em construir dissidências no país, e por teóricos marxistas da catástrofe climática, que teriam a intenção de provocar uma regressão na capacidade produtiva [...]” (SOUZA, M. A. D; FINGUERUT, Ariel; 2024; p.16).

Enquanto em UNITOPIA, destaca-se a escolha da ciência e por sua vez da própria academia, entre a Ciência Pura e uma Ciência Corrupta, que estaria focada em uma função social:

“Isso é uma visão tradicional, você formar o estudante.. formar pessoas, principalmente na filosofia e nas humanidades, artes, filosofia, história.. o

conhecimento pelo conhecimento, porque conhecer é bom.. já diziam na idade média isso, conhecer é bom [...] a mentalidade de esquerda no meio intelectual brasileiro mudou também a chave, você precisa ter um conhecimento para ter uma função social” (UNITOPIA [...], 2024, 10 min 12 s).

Dessa forma, destacamos que há uma relação entre as ideias Norte-Americanas sobre uma corrupção esquerdista, bem como uma “elite gerencial”, e as ideias disseminadas no documentário. Não obstante, ao focarmos na instituição universitária destaca-se que a universidade ao escolher o caminho da função social, permitiu com que a ciência se torna-se enviesado:

“A universidade tem um lugar na sociedade; não é uma utopia (palavra com o sentido etimológico de “não-lugar”). E esse lugar é o de fornecer formação profissional e produção de conhecimento em benefício da sociedade em que se insere, enquanto recebe, em troca, financiamento e o prestígio oriundo do reconhecimento de seus diplomas e títulos. [...] As universidades são a instância final do conhecimento em uma sociedade, depois da qual não mais cabe recurso. Jornalistas recorrem a elas para validar notícias, os métodos pedagógicos aplicados nas escolas são desenvolvidos nelas, assim como os tratamentos dos doentes, as tecnologias de ponta, os modelos econômicos e tudo mais do que depende, em grande parte, a vida dos povos e das nações.[...] Porém, ao passo que os valores e os anseios das sociedades permaneceram fundamentalmente os mesmos nas últimas décadas, o mundo acadêmico, ao menos no Ocidente, foi invadido, tomado e convertido por um impetuoso assédio ideológico.” (Caruso, 2024. Pg 5).

Essa narrativa exposta, destaca um interesse de tomar para si a ciência, ou seja, os pesquisadores que corroboram com essas ideias visam serem notados como antagonista, pois somente assim marcam o interesse de um grupo em se reunir e buscar mudanças, determinados interesses se mostram “puros”, ou interessados em uma Ciência do Saber por Saber. Entretanto, esse discurso, em determinados momentos, caminha a uma crítica aos pares e as normas acadêmicas que dão prestígio a determinados pesquisadores mais relevantes, como se ouve uma “corrupção”, que aparelha-se a universidade e os estudantes.

“A universidade brasileira, ela convida o jovem a assinar um pacto, assim que eles chegam, que eles são recepcionados os professores logo apresentam a instituição e dizem: ‘você por aqui, você pode experimentar a iniciação científica; Por ali, você experimenta a Extensão universitária; Mas olha, pra quaisquer desses caminhos você precisa aderir aos nossos projetos, você precisa aderir as nossa linhas de pesquisa [...] e mostrava pro aluno muito facilmente que aquele espaço era um espaço de hedonismo, contrário aquele espaço que punha o limite e que fazia a castração dos impulsos da adolescência, é óbvio que em muitos casos, isso é a cereja do bolo desse pacto corrupto.”(UNITOPIA [...], 2024, 2 min 34 s)

“Isso é uma visão tradicional, você formar o estudante.. formar pessoas, principalmente na filosofia e nas humanidades, artes, filosofia, história.. o

conhecimento pelo conhecimento, porque conhecer é bom.. já diziam na idade média isso, conhecer é bom [...] a mentalidade de esquerda no meio intelectual brasileiro mudou também a chave, você precisa ter um conhecimento para ter uma função social” (UNITOPIA [...], 2024, 10 min 12 s).

Sendo assim, destaca-se em certa medida, que determinados agentes conservadores, torna-se representantes dentro da academia de uma visão mais conservadora, em que ajudaria a universidade a “reassumir seu lugar”. “O futuro das universidades será tão incerto quanto o tempo que levarem para reencontrar sua própria história, reassumir seu lugar na sociedade e se lembrar de que não são utopias.” (Caruso, 2024. Pg 24).

Com isso destacamos que ao demonstrarem ser receptivos às ideias conservadoras, os membros do campo científico passam a ter disputas de ideias, dessa forma, Pierre Bourdieu evidencia que a ação dos atores torna visível seu interesse em acumular mais prestígios de colegas que pensam de forma similar, ou seja, o Campo Científico torna-se sujeito a mudanças de acordo com a perspectiva de seu agentes, que em certa medida, objetivam mudar o *habitus* do Campo.

“Uma das virtudes da teoria do campo é que ela permite romper com o conhecimento primeiro, necessariamente parcial e arbitrário -cada um vê o campo com uma certa lucidez, mas a partir de um ponto de vista dentro do campo, que ele próprio não vê-, e romper com as teorias semieruditas que só contêm, em estado explícito, um dos pontos de vista sobre o campo. [...] lucidez interessada que inspira rivalidade ou hostilidade[...] do ponto de vista de seu concorrente, de serem cegos acerca de si próprios e sobretudo acerca do ponto de vista a partir do qual apreenderam seu concorrente, isto é, sobre o fato de que, inscritos no mesmo campo, ocupavam posições antagônicas, princípios de sua lucidez e de sua cegueira.” (BOURDIEU. 2004. pg 43-44).

Assim sendo, destacamos que os sujeitos não visam alterar as formas de capitais científicos, mas visam alterar a forma como os membros do campo se relacionam, e por sua vez, tomar para si a acumulação de capitais científicos, principalmente aquele institucionalizado. Ou seja, ao que concerne a universidade, para seus membros conservadores, é um espaço de guerra cultural que deve ter mais atenção de seus semelhantes. “A universidade é a linha de frente da guerra cultural... é a primeira trincheira da Guerra cultural” (UNITOPIA [...], 2024, 15 min 51 s).

Sendo assim, ao que cabe a nossa primeira pergunta de pesquisa, por que se posicionar na Academia, mesmo enquanto a rejeita? Nossos achados acerca dessa questão destacam em

notar: A narrativa proposta pelo documentário visa demonstrar uma corrupção do campo, e o pensamento político de direita seria aquele capaz de trazer a neutralidade científica, mas para isso a universidade deveria alterar sua forma de pensar. Ou seja, os agentes buscam a alteração do Campo, ao mudar seu *Habitus*, pois mesmo rejeitando noções marxistas, os pesquisadores que fazem parte da narrativa notoriamente destacam a universidade e a própria ciência como um espaço de relações de força ao presumirem poder mudar a estrutura vigente.

“Os campos são os lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível em cada momento” (Bourdieu; 2004 ;Pg.27).

Assim sendo, passamos a nossa segunda análise, acerca das epistemológicas e ideológicas que buscam usar como ferramentas para essa disputa. Nossa segunda pergunta de pesquisa destacava como: qual o interesse em se valer da banalização como ferramenta de posicionamento? E sendo assim, destacamos que a “banalização” não foi em si uma estratégia, mas uma forma de compor o discurso, ou seja, destacamos que não teria ocorrido claramente uma banalização, mas sim uma tentativa teórica de explicar seu ponto de vista. Que destaca novamente a característica acadêmica dentro desse grupo, não seriam simplesmente extrapolações da realidade como aporte teórico, mas tentativas de sistematizar suas ideias e transmiti-las a seu público.

As tentativas teóricas de sistematização de suas ideias e conclusões sobre o que ocorreria nas universidades hoje seriam: A Lavagem de ideias, presente no primeiro episódio e, a hipótese de tabula rasa e as crenças de luxo disseminadas pelas universidades e seus pesquisadores.

A ideia de Lavagem de ideias, criada por Peter Boghossian, também participante do documentário, destaca uma corrupção das revistas acadêmicas:

“Para tratar da corrupção ideológica exposta pelo caso Grievance Studies, Peter cunhou a expressão “*idea laundering*” (“lavagem de ideias”), a ser entendida em analogia ao conceito de “lavagem de dinheiro”: revistas são criadas por grupos de acadêmicos que compartilham da mesma ideologia para que possam disfarçar as ideias que querem transmitir à sociedade de artigos com validação científica. Trata-se de um artifício de instrumentalização do prestígio da academia e da ciência visando influenciar as políticas públicas e levar a cabo a transformação utópica da sociedade.(Caruso, 2024. Pg 22).

Tal crítica, foca em destituir o prestígio que a análise por pares possui na academia, mas mais que isso, demonstra que alguns atores formaram-se distante das normas do campo e por isso usam de críticas muitas vezes sem fundamentos reais para as disputas:

“Aqueles que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não são aquelas que esse campo exigem, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as consequências que se possa imaginar. Mas eles podem também lutar com as forças do campo, resistir-lhes e, em vez de submeter suas disposições às estruturas, tentar modificar as estruturas em razão de suas disposições, para conformar-las às suas disposições” (BOURDIEU; 2004; Pg 28-29).

Ou seja, tal crítica muitas vezes ressoa como uma negação de pensamentos diferentes na academia, como o pensamento de Direita, mas o que ocorre é um afastamento desses agentes do Campo, tanto em formação, como em prestígio. Mas ao invés de se adequarem ao campo, busca transformar-se a si próprio como direcionador de outras vozes dissonantes, visando alteração. Porém ao destacar uma lavagem de ideias na academia, foca em abalar o capital científico puro que adquire-se “principalmente, pela contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto aptos a conferir prestígio à moda de crédito simbólico[...])”(BOURDIEU. 2004. Pg 36). Ou seja, destacamos que a noção de Lavagem de ideias foca em produzir uma descredibilidade aos cientistas já estabelecidos no campo.

Enquanto o princípio de Boghossian visa afetar a credibilidade dos cientistas. Há outros dois que visam afetar a produção do conhecimento científico até o momento, apoiando na prerrogativa também das elites gerenciais, seria a ideia de Tabula rasa e as Crenças de Luxo. A primeira, seria como uma forma, de um negacionismo da esquerda, presente no conhecimento produzido., ou seja, transformando propositalmente os indivíduos em pessoas “rasas”:

“[...] a predominância da hipótese da tábula rasa em diversas áreas da academia tem muito menos a função de explicar o mundo e o homem que a de fundar um manifesto, um chamado à ação pela reforma da natureza humana. Afinal, se nada nas pessoas é fixado por determinação biológica, todo o comportamento social é passível de ser transformado à imagem dos modelos utópicos arquitetados nos gabinetes universitários. E é com essa mentalidade que os graduados e os pós-graduados retornam à sociedade para ocupar seus cargos de poder, enquanto a população incauta segue financiando a formação de profissionais destinados não a assisti-la, mas a revolucioná-la.”(Caruso, 2024.Pg 19).

Junto dessa “hipótese” se encontra a terceira, e última teoria utilizada como explicação de suas críticas, as “crenças de luxo”.

“Segundo o autor americano Rob Henderson, que cunhou a expressão, as crenças de luxo funcionam como substitutas dos bens de luxo na civilização ocidental contemporânea, em que a ostentação de riqueza através de posses materiais se torna cada vez menos exclusiva das elites. Dessa forma, o pavor de ser confundido com um impostor de classes populares fez a verdadeira elite desenvolver códigos que não podem ser imitados por quem não frequente seus círculos seletos.” (Caruso, 2024. Pg 14).

Ou seja, as ideias progressistas seriam crenças de luxo que os pesquisadores se apoiaram para serem reconhecidos como membros das classes populares. Por sua vez, determinadas ferramentas narrativas se mostram focadas em atingir a produção do conhecimento de seus colegas, ao modo que transformam a si próprias, aqueles que não teriam crenças de luxo, mas sim a da realidade legítima. Tais artifícios buscam o monopólio da definição legítima da prática científica, assim como alerta Bourdieu.

“É assim, por exemplo, que a retórica da “demanda social” que se impõe, particularmente numa instituição científica que reconhecer oficialmente as funções sociais da ciência, inspira-se menos numa preocupação real em satisfazer as necessidades e expectativas de tal ou qual categoria de “clientes” [...], ou mesmo em ganhar assim seu apoio, do que de assegurar uma forma relativamente indiscutível de legitimidade e, simultaneamente, um acréscimo de força simbólica nas lutas internas de concorrência pelo monopólio da definição legítima da prática científica” (BOURDIEU; 2004; Pg 47).

Sendo assim, destacamos a importância de tais achados, pois entendemos que grupos presentes na universidade, buscam com suas narrativas e teorias, disputar o campo científico, para isso visam tornar-se portadores de uma ideia de mudança na ciência. Ou seja, a disputa pela produção do conhecimento torna-se aqui a principal estratégia dos colaboradores com o documentário e suas ideias. Por mais que atualmente, tais atores não sejam tratados com tanta importância como possíveis formuladores de opiniões em massa, nossos achados demonstram que tais atores voltados à Direita, possuem uma força considerável de cooptação dentro da academia, prova disso é o interesse em criticar os pilares da produção do conhecimento científico e ao mesmo tempo, que formulam teorias que visam organizar suas visões de mundo.

5 CONCLUSÃO

Ao que cabe às conclusões de nosso trabalho, destacamos que evidentemente as análises de Pierre Bourdieu acerca do *Campo Científico* ainda se constituem como importantes ferramentas para analisar as tomadas de posição dos atores do campo, bem como em analisar a própria ciência e a produção do conhecimento. Ao entendermos a ciência como algo em disputa, encontramos diferentes narrativas na produção do conhecimento científico, principalmente, neste estudo de caso, uma disputa entre um conhecimento “verdadeiro” pois busca-se uma neutralidade da cientificidade, um saber pelo saber, em contrapartida à um conhecimento científico junto de uma função social para a ciência. Não visamos apontar quais possuem melhores argumentos, mas sim, expor as narrativas que constroem ideias e a ação dos diversos grupos sociais e políticos.

Nossos apontamentos destacam a ciência como algo que deve ser cuidado, mas não privado da sociedade. Até esse momento, nosso país experienciou duas formas de ciência: aquela que foi formada para poucos, e outra que cada vez mais tenta caminhar para a diversidade de pensamento. Destacamos também que ao analisar a ciência e a produção do conhecimento a partir da análise de um material produzido pela produtora Brasil Paralelo, notamos como as críticas a ciência muitas vezes são pensadas pela via do combate mesquinho de ideias, objetivando tornar a ciência algo passível de revisão sem seriedade ou até mesmo compromisso com o que se diz, com a história, com os diferentes sujeitos que são tratados como cientistas enviesados, focados na dominação marxista. Tal argumento, deslegitima a ciência e aqueles que a constroem que mesmo sem investimentos, sem bolsas suficientes, salvaram vidas durante a pandemia de COVID-19, que mesmo com riscos de falta de energia ou água, nunca pararam de produzir um conhecimento estável e confiável.

As narrativas expostas nesse trabalho devem ser levadas à sério, pois falam sobre nosso ofício, falam da credibilidade nosso trabalho para com a sociedade, sendo assim, o que deixamos as pesquisas futuras é que a produção do conhecimento muitas vezes pode passar por ataques desleais, porém, devem ser analisados com o máximo cuidado e serem levados a sério pois possuem força suficiente para descredibilizar a ciência, e com tempo, transformá-la para seu próprio objetivo.

6 REFERÊNCIAS

ANGELO BRIGATO, Èsther. Quem tem medo da universidade? Pensamento unico e negacionismo no contexto neoliberal no brasil.ISSN 2174-9515. Ano (2023), Vol.10. Núm.251, págs. 59-76. Disponível em: <https://www.gigapp.org/ewp/index.php/GIGAPP-EWP/article/view/288>.

BALESTRO, Mayara ; SILVA, B. G. . Fórum da Liberdade: o palco das novas direitas brasileiras (1990-2024). REVISTA HISTÓRIA & LUTA DE CLASSES , v. 20, p. 1, 2024.

BALESTRO, Mayara ; MIRANDA, J. E. B. . Ação doutrinária, revisionismo histórico e consenso: a agressividade do Brasil Paralelo (2016-2019). SOBRE ONTENS , v. 2, p. 54-66, 2019

BALESTRO, Mayara . Brasil Paralelo: modus operandi. Tudo por um triz (volume 2). 1ed.Curitiba -Paraná: Kotter-Editorial, 2022, v. 2, p. 1-280.

BALESTRO, Mayara ; MIRANDA, J. E. B. . Brasil Paralelo e o revisionismo histórico. Esquerda Online, 12 jun. 2019.

BALESTRO, Mayara. Agenda conservadora, ultraliberalismo e ?guerra cultural?: ?Brasil Paralelo? e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020).2021.

BORDIN, T. M. O SABER E O PODER: A CONTRIBUIÇÃO DE MICHEL FOUCAULT. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, [S. l.], n. 10, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/5088>. Acesso em: 19 jan. 2025.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BOURDIEU, Pierre. Homo academicus. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle, com revisão técnica de Maria Tereza de Queiroz Piacentini. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clinica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Para uma sociologia da Ciência. Edições 70. 2004.

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das idéias. Enfoques – Revista Eletrônica. Rio de Janeiro, v. 1, n. 01, 2002.

Bloor, David. Conhecimento e imaginário social. São Paulo: UNESP, 2009.

CARUSO, Renato Caruso. UNITOPIA. In : UNITOPIA . 1.ed. [S.l.]: Brasil Paralelo, Setembro/2024 2024. Disponível em:

https://picturae.bp.app/image/upload/v1726603227/files/materials/UNI_E-book_6Gg3fp.pdf. Acesso em: 5 jan. 2025.

CARDOSO, Adalberto Moreira, 1961- À beira do abismo. Uma sociologia política do bolsonarismo / Adalberto Cardoso. – 1 ed. – Rio de Janeiro, Amazon, 2020.

CARVALHO, B. Luciana. Intelectualidade paralela? Um estudo sobre as produções da Brasil Paralelo. Anpocs. 2024. Disponível em: https://www.encontro2024.anpocs.org.br/atividade/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9BVEIWSURBREVcljpc1jE2NlwfSIsImgiOiI2MzY1MTdkZjExOTdiZjIxODNiNTE1ZTFINDIiMzZkNSJ9&ID_ATIVIDADE=166

CEPÊDA, V. A.. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n2p40>, v. 23, p. 40-74, 2018.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Escritos sobre a universidade. São Paulo: Editora Unesp, 2001

CHALOUB, JORGE; KAYSEL, A. . Os tempos e discursos da direita latino-americana. Wirapuru, v. 4, p. 1-2, 2023.

CHALOUB, J. G. S.; PERLATTO, Fernando . Intelectuais da 'nova direita' brasileira: ideias, retórica e prática política. Insight Inteligência (Rio de Janeiro), v. 1, p. 25-42, 2016.

CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo. Disputando hegemonia no ensino superior e na universidade : a atuação das think tanks liberais brasileiras na academia / Evandro Coggo Cristofoletti. –Campinas, SP : [s.n.], 2021.

DELCOURT, L. (2016). Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. Lutas Sociais, 20(36), 126–139. <https://doi.org/10.23925/ls.v20i36.31852>

DIAS DE SOUZA, Marco Aurélio; Finguerut, Ariel. Guerras Culturais, Novas Direitas e Transposições de Referências no Brasil Contemporâneo. Anpocs.2024. Disponível em: https://www.encontro2024.anpocs.org.br/atividade/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9BVEIWSURBREVcljpc1jE2NlwfSIsImgiOiI2MzY1MTdkZjExOTdiZjIxODNiNTE1ZTFINDIiMzZkNSJ9&ID_ATIVIDADE=166

DUARTE. Kamila Alves. Dominação burguesa entre velho e o novo: a ascensão da extrema-direita no Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/JSQhmDk8n5Q4jbLmVqJnwDy/?format=pdf&lang=pt>

FETZ, Marcelo; DEFACCI, Fabricio Antonio; NASCIMENTO, Lerisson. Olhares sociológicos sobre ciência no século vinte:mudanças e continuidades. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago. 2011, p. 284-317. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/ThdT35SvKpbfCf49HhQnGJQ/>

HERMIDA, J. F.; ORSO, P. J. Apresentação: Políticas educacionais e o avanço da nova (ou extrema?) direita. Roteiro, [S. l.], v. 45, p. 1–8, 2020. DOI: 10.18593/r.v45i0.24330.

Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/24330>. Acesso em: 19 jan. 2025.

LIMA, Pedro Luiz ; CHALOUB, Jorge . Sistema E Antissistema Na Crítica Do Bolsonarismo. Lua Nova (Impresso), V. 2, P. 1-36, 2024.

MERTON, Robert K. Ensaios de sociologia da ciência / Robert K. Merton; organização e posfácio de Anne Marcovich e Teriy Shinn; tradução de Sylvia Gemignani Garcia e Pablo Rubén Mariconda. — São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia/Editora 34, 2013 (1ª Edição).

PEREIRA, André Ricardo Valle Vasco. A invenção da balbúrdia [livro eletrônico] : dossiê sobre as intervenções de Bolsonaro nas Instituições Federais de Ensino Superior / André Ricardo Valle Vasco Pereira, Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan, Ana Carolina Galvão. -- Brasília, DF : Sindicato Nacional dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <https://adufs.org.br/conteudo/2129/a-invencao-da-balburdia-dossie-do-andes-sn-sobre-intervencoes-do-governo-bolsonaro-no-ensino-superior>

PERLATTO, F. . (2020). As mudanças estruturais das universidades públicas brasileiras: uma proposta dialética de interpretação. Pesquisa E Debate Em Educação, 3(1), 13–27. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/32247>.

REDAÇÃO BRASIL PARALELO. As câmeras da Brasil Paralelo entraram nas Universidades. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/as-cameras-da-brasil-paralelo-entraram-nas-universidades>. Acesso em: 25 ago. 2024.

REDAÇÃO BRASIL PARALELO. Artigos Brasil Paralelo/ Educação. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos>

SALGADO, J., & FERREIRA JORGE , M. (2021). Paralelismos em disputa:: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. Revista Eco-Pós, 24(2), 726–738. <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27797>

SANTOS, F. R. C. dos. O que se entende por Retórica da Guerra Cultural. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 180–227, 2020. DOI: 10.14393/DL45-v15n1a2021-6. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/52265>. Acesso em: 19 jan. 2025.

SALLES, J. C.. O interesse filosófico das falácias não-formais. OLHAR (UFSCAR), v. 29, p. 39-56, 2024.

SALLES, J. C. UNIVERSIDADE E CONHECIMENTO. Revista Baiana de Enfermagem (Online), v. 32, p. 1-3, 2018.

SALLES, J. C.. Conhecimento e Ação: Entre laços teóricos e redes institucionais. Cadernos CRH, v. 25, p. 9-11, 2012.

SALLES, J. C.. Universidade pública e democracia. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. v. 1. 159p .

SINHORETTO, JACQUELINE. governo contra a ciência: anti-intelectualismo, autoritarismo e universidades publicas. ÁSKESIS, v. 11, p. 38-51, 2022. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/791>

SOBRE NÓS, Brasil Paralelo. O que é a Brasil Paralelo. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>

SOUSA, Renan Silva de. A identidade da direita bolsonarista em narrativas de seus militantes. Repositório UFPB. 2021. Disponível em :https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22404?locale=pt_BR

UNITOPIA. Direção: Silvio Medeiros. Produção: Ronai Chiccarelli Jr. Roteiro: Renato Caruso. Fotografia de Christian C. Soares. [S. l.]: Brasil Paralelo, 2024. 2 Episódios (120 min) Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/unitopia>. Acesso em: 2 jan. 2025.